



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF
INSTITUTO DO NOROESTE FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO SUPERIOR – INFES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO – PPGEn
MESTRADO EM ENSINO

WALDYR BARCELLOS JUNIOR

TRAJETÓRIAS ESCOLARES DAS TRAVESTIS DO INTERIOR: HISTÓRIA,
(DES)APRENDIZAGENS E EDUCAÇÃO

SANTO ANTONIO DE PÁDUA – RJ
2018

WALDYR BARCELLOS JUNIOR

TRAJETÓRIAS ESCOLARES DAS TRAVESTIS DO INTERIOR: HISTÓRIA,
(DES)APRENDIZAGENS E EDUCAÇÃO

Dissertação elaborada por Waldyr Barcellos Junior, aluno do Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGen) do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior (INFES), da Universidade Federal Fluminense (UFF), sob a orientação da Prof^a. Dr^a, Fernanda Fochi Nogueira Insfran, a ser apresentada como exigência para obtenção de título de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fernanda Fochi Nogueira
Insfran

SANTO ANTONIO DE PÁDUA – RJ
2018

Ficha catalográfica automática - SDC/BINF

J95t

Junior, Waldyr Barcellos

TRAJETÓRIAS ESCOLARES DAS TRAVESTIS DO INTERIOR: HISTÓRIA,
(DES)APRENDIZAGENS E EDUCAÇÃO / Waldyr Barcellos Junior ;
Fernanda Fochi Nogueira Insfran, Orientadora. Santo Antônio
de Pádua, 2018.

104 f. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Santo Antônio de Pádua, 2018.

1. Cidades pequenas. 2. Escola . 3. Travesti. 4. Produção
intelectual. I. Título II. Insfran ,Fernanda Fochi Nogueira ,
orientadora. III. Universidade Federal Fluminense. Instituto
do Noroeste Fluminense de Educação Superior.

CDD -

Bibliotecário responsável: Leandro Martins Cota Busquet - CRB7/6690

WALDYR BARCELLOS JUNIOR

TRAJETÓRIAS ESCOLARES DAS TRAVESTIS DO INTERIOR: HISTÓRIA,
(DES)APRENDIZAGENS E EDUCAÇÃO

Dissertação elaborada por Waldyr Barcellos Junior, aluno do Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGen) do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior (INFES), da Universidade Federal Fluminense (UFF), sob a orientação da Prof.^a Dr.^aFernanda Fochi Nogueira Insfran, a ser apresentada como exigência para obtenção de título de Mestre.

Aprovada em 24 de abril de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^aFernanda Fochi Nogueira Insfran – Orientadora

INFES/UFF

Prof. Dr.Fabio Gomes Oliveira
INFES/UFF

Prof.^a Dr.^a Fernanda Pacheco da Silva Huguenin

Instituto Federal Fluminense – Itaperuna

Santo Antônio de Pádua
2018

Dedico este trabalho a minha mãe Maria Ângela Damião de Souza,
com toda força do meu amor e admiração sempre.

AGRADECIMENTOS

São múltiplos os agradecimentos, pois este trabalho tem muita torcida para que conquistasse o seu momento de apresentação e defesa. A primeira pessoa que devo esse agradecimento foi minha orientadora Prof.^a Dr.^aFernanda Fochi Nogueira Insfran, por acreditar em vários momentos no meu potencial, por muitos encontros de orientação, paciência, amizade e por partilhar sua alegria, me fortalecendo com esperanças que os caminhos do trabalho eram escolhas necessárias, somando na construção de uma pesquisa voltada aos contextos interioranos, ajudando a edificar esse espaço como trabalho científico. Outrossim, devido ao seu papel de orientadora, questionou minhas certezas e contribuiu para minhas dúvidas, fazendo dessa dissertação um exercício de interrogar a própria história e a criação de seus atores e padrões sociais, tendo consciência de todas as dificuldades relacionadas aos alunos do interior e dos professores da educação básica nesse espaço de luta pelo direito de estudar. Todo esse contato com as orientações e os poucos abraços jamais sairão do meu coração, tampouco seu olhar de esperança, junto as minhas ansiedades e desesperos.

Gostaria de agradecer as minhas amigas Indiara Taiunan, Bia Trancredi e Chica da Iva pelo auxílio nesse momento de pesquisa, fortalecendo-me, e compartilhando momentos ligados as suas experiências no âmbito da travestilidade em cidades pequenas. Também ao meu irmão Warllon de Souza Barcellos por estar sempre me incentivando e me movendo a perceber que posso ir um pouco mais adiante, mesmo quando estou desanimado. Ele funciona na minha vida como amigo e como incentivador pelo seu espírito generoso.

Sou rio, pois sei que meu saber é composto de muitos outros. Sei que não sou a origem do meu saber, não sou o sujeito fundante da história que faço, sou fundado por uma sociedade, por uma cultura, por formações discursivas, por práticas de poder e linguagem, sou um estuário em que vêm desaguar muitos arquivos. Exerço um ofício conforme regras que não são apenas estabelecidas por mim, coerção de grupo, regras que se modificam com o tempo, mas sorrio porque sei que, apesar de tudo isso, eu participo ativamente das invenções que faço (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 35).

RESUMO

O trabalho consiste em potencializar histórias e trajetórias escolares de travestis do interior do Estado do Rio de Janeiro. Assim, a pesquisa tem como objetivo evidenciar essas relações atribuídas às histórias de vida se misturando a contextos escolares, percebendo também as múltiplas escolas que as travestis passam dentro de suas vivências, acreditando na produção e invenção dos cotidianos sem uma influência direta com as cidades maiores. Outrossim, procurar e incentivar esse lugar como um grande produtor de conhecimento, bem como relatar a quase inexistência de trabalhos que abordem essas relações e valorizem as vozes dessas travestis, também suas memórias no processo de escolarização, mostrando como esses relatos são importantes para o fortalecimento do debate entre educação, gênero e contextos interioranos. Este trabalho contém três histórias com diferentes percursos, tipos e relacionamentos em seus processos escolares, valorizando suas ansiedades e seus questionamentos e impressões sobre a educação.

Palavras-chave: Cidades pequenas. Escola. Travesti.

ABSTRACT

The work consists in potentializing stories and trajectories of travestis from the interior of the State of Rio de Janeiro. Thus, the research aims to highlight these relationships attributed to life histories mixing with school contexts, also perceiving the multiple schools that transvestites spend within their experiences, believing in the production and invention of daily life without a direct influence with larger cities. Also, searching and encouraging this place as a great producer of knowledge, as well as reporting the almost nonexistence of works that approach these relations and value the voices of these transvestites, as well as their memories in the schooling process, showing how these reports are important for strengthening of the debate between education, gender and interior contexts. This work contains three stories with different paths, types and relationships in their school processes, valuing their anxieties and their questions and impressions about education.

Keywords: Small cities. School. Transvestite.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de Miracema em destaque no mapa do estado.	14
Figura 2 – Na imagem Santa Paula, Santa Wilgefortis.	25
Figura 3 – Iara recebendo seu primeiro livro na alfabetização.	52
Figura 4 – Iara em sua formatura, como oradora da turma, em 2014.	67
Figura 5 – Bianca em seu casamento assinando sua certidão, em 1978.	68
Figura 6 – Bianca no Miss Gay Brasil , em Juiz de Fora	72
Figura 7 – Certidão de casamento de Bianca, 1978.	78
Figura 8 – Foto do Alistamento militar	79
Figura 9 – Foto de Chica com Rogéria na casa a qual trabalhava	89

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. SOBRE CIDADES PEQUENAS E CONTEXTOS INTERIORANOS – Ouvindo histórias e os caminhos da pesquisa	16
3. SOBRE DISFARCE OU TRUQUES: travesti em diferentes tempos.....	22
3.1. Travesti em outros lugares, tempos e culturas.....	27
3. 2. Trajetórias Queer, aos estudos Queers: uma análise necessária.....	33
4. TRAJETÓRIAS ESCOLARES E SUAS LIMITAÇÕES	39
5. METODOLOGIA.....	44
5.1. Travesti de Bicicleta: buscando novos olhares.....	47
6. TRÊS NARRATIVAS.....	52
6.1. Uma trajetória interrompida: tem uma travesti na EJA.....	52
6.1.1. Travestindo para escola: quando se volta menina	64
6.2. Uma trajetória ordinária: sendo travesti noiva, miss e aluna.....	68
6.3 A travesti da Iva.....	79
7. SE TRAVESTINDO PARA (DES) APRENDER: lembranças, escola e ensino	90
8. BORRANDO A MAKE, CRAQUELANDO A BASE, ESCORRENDO O RÍMEL E BATENDO O GLITTER - considerações finais entre olhares das travestis.....	97
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99
ANEXO	104

1. INTRODUÇÃO

O trabalho tem como recorte cidades pequenas/Interior, que neste primeiro momento pretendemos apresentar. Sempre estamos construindo um olhar sobre grandes centros na temática do gênero, sexualidade e desejo. Acreditamos que a história dedicou uma grande parte de sua produção para falar sobre a cidade grande/metrópole/capital, deixando esse contexto local/interior/rural como um lugar invisível. Temos como objetivo, portanto, fomentar uma discussão sobre a trajetória escolar das travestis de Miracema, interior do Estado do Rio de Janeiro.

Para isso, serão ouvidas essas histórias de vida e também experiências escolares. Trabalharemos com três histórias, com diferentes tempos, as quais têm como protagonistas entrevistadas com faixas de idade diferenciadas, ajudando-nos a conhecer essa escola dentro da sua experiência, situadas nas lembranças, recordações e memória, tendo como possibilidade potencializar as relações obtidas nessas histórias e no processo de escolarização. Sabemos e valorizamos as dificuldades do trabalho enquanto pesquisa, visto que existe uma produção acanhada sobre esses lugares interioranos, principalmente tendo como recorte a travesti do interior.

Mostra-se, através da pesquisa de campo, o tamanho da importância de se produzir história com essas pessoas, evidenciando esse lugar como produtor de conhecimento, com diferentes ritmos, com foco em outras possibilidades, tentando deixar claro que essas cidades pequenas ou contextos do interior são produtoras de seus próprios modos de vida, não precisando de um espelho que seria a capital/cidade/metrópole. Essa base argumentativa é muito importante para justificar toda essa forma de escrita e também discutir a virtualidade das cidades grandes.

Sendo o Brasil um país muito mais rural do que imaginamos, em que construímos “cidades imaginárias”, onde as dinâmicas são altamente rurais tanto no âmbito econômico, social, político e também cultural (VEIGA, 2003), essa discussão é de grande relevância, pois nos mostra essa relação criada: só é rural aquilo que está fora do perímetro urbano. Poderemos perceber que essa tese é altamente frágil e que não pode governar todos os lugares. Contudo, mesmo dentro dessa visão retida, procuramos valorizar esses lugares tidos como rurais.

Outrossim, também vamos diferenciar como as situações em volta das travestis do interior podem nos ajudar a pensar as dinâmicas que envolvem suas negociações com a realidade ou o cotidiano.

A partir dos múltiplos olhares, tentamos, como prática, ouvir as histórias e, assim, construirmos o nosso segundo capítulo, que é uma abordagem sobre as possíveis diferenças entre cidades pequenas e metrópole. Na verdade, nessa parte, apresentamos o que é esse lugar pequeno e como é possível transformar essas experiências em conhecimentos.

Pensam-se em quais seriam as principais diferenças na produção do trabalho científico tradicional/urbanizado e interiorano, construindo assim, uma proposta fértil, em que se apreciam momentos diferenciados nessas cidades do interior do estado. Percebem-se, também, suas formas de se organizar e pensar seu próprio cotidiano e sua capacidade de invenção (CERTEAU, 1994; LACERDA, 2016).

Todavia, procuramos, assim, valorizar essas falas sobre o contexto escolar dentro das cidades menores nas vozes de três grandes narrativas que tem como objetivo ampliar o debate de gênero em espaços pequenos e na educação.

No capítulo três, tentamos apresentar os dispositivos históricos que ligam as trajetórias das travestis dentro da história da humanidade e também os seus desdobramentos em possibilidades atuais, fornecendo também lugares importantes na história do Brasil, passando pela mentalidade colonial até alguns lugares na própria antiguidade clássica, medieval, tentando mostrar como essa “normatividade histórica” pode ser questionada seguindo alguns exemplos.

Os percursos das pesquisas e estudos sobre a temática das minorias podem nos auxiliar, tendo como fundo as ideias de Foucault sobre disciplina e semelhança (FOUCAULT, 1987, 1988), para compreender como a história pode acompanhar o trabalho, mostrando o percurso do que seriam as categorias Travesti/Transexual, fornecendo, desse modo, os dispositivos para se entender o presente, tendo como base os discursos fomentados pelo passado e como eles resistem nos dias atuais. Passando pela ideia de pecado, anormalidade (doenças) e também da criação dos gêneros/ categorias homem e mulher.

No capítulo quatro, temos algumas considerações sobre o contexto escolar e suas dificuldades de criar diálogos com as travestis. Nesse sentido, o capítulo traz considerações feitas por autores que discutem a possibilidade de fracasso escolar, mostrando este espaço como reprodutor de lugares sociais (PATTO, 2000). Ainda nesse capítulo, vamos usar algumas argumentações baseadas na ideia da pedagogia do corpo e suas relações no contexto escolar, trazendo referências do que seria essa experiência travesti (LOURO, 1997; SILVA, 1996).

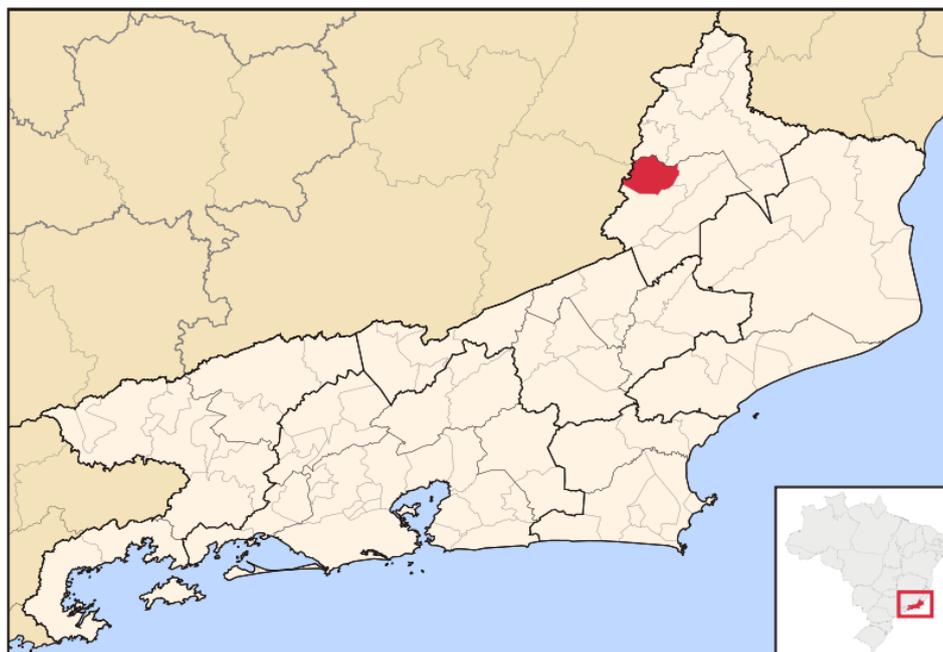


Figura 1- Mapa de Miracema em destaque no mapa do estado. Fonte – IBGE, Censo Populacional 2010. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Sendo assim, existe toda uma resistência sobre a importância social para se pensar gênero e educação em contextos interioranos. Não estamos produzindo um trabalho que tenha significado somente por aceitação acadêmica, meio em que existe efetivamente o outro e suas possibilidades. Pensar as travestis e seus cotidianos é romper com a ordem da história tradicional, que tem como atributos a “duração”, e possibilitar a “Ordem do Instante” (CERTEAU, 1994). Trabalhando com instantes ou o que seria história do simples sem super narrativas, em que se localizam tempos inteiros da história em um único personagem, temos, assim, a possibilidade de usar as trajetórias a nosso favor, construindo um trabalho que valorize um debate que tenha como objetivo mostrar que todos têm histórias. Ademais, nossa história se faz através de lembranças

que são altamente “*preciosas*” e, com base nisto, há de se acreditar que o ser humano não pode ser banalizado para não produzirmos um trabalho baseado na “descartabilidade”.

No capítulo referente à metodologia procuramos entender a realidade do campo, ou melhor, o contexto municipal no qual as travestis são envolvidas antes de começarmos a descrever as três histórias, levando em conta esse percurso metodológico atravessado pela antropologia e história oral, mediante seus recursos que nos ajudam a pensar a pesquisa enquanto observação participante, prezando pela convivência, para perceber e possibilitar as travestis falarem sobre seus processos educacionais.

2. SOBRE CIDADES PEQUENAS E CONTEXTOS INTERIORANOS – Ouvindo histórias e os caminhos da pesquisa

Este capítulo tem como objetivo valorizar o contexto das cidades pequenas do interior, apresentando seu modo diferenciado de produzir ciência e contextualizando suas formas de perceber a vida e seu cotidiano. Pretendemos também fomentar a discussão sobre a importância desse lugar como promotor de conhecimento e atribuir outros sentidos, que não sejam aqueles relacionados ao olhar colonizador da própria “Cidade Grande”, promovendo, assim, uma escrita interiorana, possibilitando outros caminhos da pesquisa e ouvindo histórias de pessoas que foram negligenciadas.

Estudos sobre a temática das cidades pequenas ou do interior têm como primeiro passo caracterizá-las como um local rural ou camponês. O interessante é que dentro de uma cidade pequena caracterizamos uma parte da cidade como rua/centro, outra como roça/rural e outras partes em diferentes territórios que não são denominados pela estrutura municipal. Essa produção de invenções de significado remete à relação tecida em cidades pequenas, como os recorrentes diálogos entre mãe e filho, nos quais se observam expressões como “vou para rua”, logo entendida como o centro da cidade, geralmente comercial, cheios de lojas e bancos, o “lugar de pagar conta”.

Para ampliar os significados, o texto de Lacerda (2016) traz elucidações importantes quanto as outras conexões dentro desse recorte geopolítico da escrita com vistas a valorizar as trajetórias escolares das travestis do interior. A importância dos relatos está ligada à experiência, que é outro fator abandonado pela modernidade. Toda história deveria seguir o pensamento positivista, que é a fórmula da produção de conhecimento baseado na racionalidade, com fundamentos em documentos oficiais, não tendo nenhuma possibilidade de valorizar a experiência ou outras fontes para se produzir o passado. Diários, cartas e fotografias não eram consideradas fontes de histórias confiáveis; somente os documentos oficiais fornecidos pelo estado deveriam servir como produção histórica. Essas fontes vão reforçar uma escrita que atenda uma única demanda, as histórias dos grandes heróis, isso tem uma grande direção, para se pensar qual o lugar das cidades pequenas do interior nessa maneira de produzir o passado e o conhecimento (CERTEAU, 2008).

Uma pesquisa em cidades pequenas requer um espaço/tempo diferenciado, onde buscamos dentro das limitações geográficas, detalhes para compor a pesquisa, tudo se torna de grande importância para tecer esse momento de (re)descoberta.

Está escrito no dicionário que “rua” é uma via pública urbana, ladeada por edificações diversas. Esta definição é facilmente compreendida por todos, e não deve haver quem dela discorde. Em cidades pequenas, porém, “rua” é também outra coisa: além de ser a via pública, é a referência a um local específico, geralmente, no centro da cidade (LACERDA, 2016, p.96).

As pessoas colocam o nome na rua e acabam ficando para sempre como referência, pois geralmente o nome está ligado a uma família antiga ou morador importante para aquele bairro. Para entender como se dá a produção do conhecimento no contexto do interior, buscam-se autores diversos que orientam a compreensão dessa diferença entre a construção de muros e lugares para legitimar e organizar o próprio pensamento como centro ou periferia (CAVALCANTE, 2010). Podemos perceber que os limites são extremamente construídos dentro de uma linha física e territorial e dentro da própria produção do conhecimento, a qual discrimina as cidades menores, reforçando-as como um lugar de representação daquilo que seria a capital ou cidades maiores, como se as cidades pequenas fossem uma cópia malfeita, onde as pessoas copiariam os modos de vidas das cidades concebidas como grandes. Sempre impondo limites e sentidos, dotando de estímulos, lugares e pessoas (NÓVOA, 1998).

Dentro da própria produção do conhecimento, vimos essas ligações para denominar pessoas ou coisas. Isso acontece em toda história e ainda se reproduz como conhecimento e lugares legítimos. Por muito tempo, algumas sociedades foram associadas à subalternidade e outras ligadas à civilização. Na verdade, pretendemos evidenciar essas pequenas cidades tidas para a maioria das pessoas como um local atrasado, mofado e selvagem (PARKER, 2002).

Na medida em que a vida urbana é construída dentro do imaginário social como local de relativa liberdade e oportunidade, como alternativa à característica opressiva da vida no interior ou nas pequenas cidades, talvez deva-se esperar que essas imagens se traduzam em liberdade sexual. Assim como a mídia, e a televisão em particular, retrata as cidades como centros de oportunidade econômica, elas também destacam sua variedade e liberdades sexuais. (PARKER 2002, p. 274).

Esse lugar entendido como cosmopolita exerce um poder dentro do imaginário das pessoas das cidades pequenas. A cidade grande exerce sua colonização atribuindo que tudo que vem dela é imensamente inovador/moderno/inédito, que as pessoas são diferentes, que a vida apresenta menos dificuldades, tendo como desígnio deslegitimar as pessoas residentes de pequenas cidades e seus modos de vida, destacando as cidades grandes como centro de oportunidades (PARKER, 2002). Isso é muito marcante na obra de SANTOS (2010), “Epistemologia do Sul”, a qual ele nos mostra as conexões de países/lugares/mapas que são (des)compreendidos e negados pela produção tradicional e moderna, onde se acredita genuinamente que algumas cidades/metrópoles são produtoras de conhecimento, que é válido para todo canto, em atribuir significados locais e governar a mentalidade de lugares menores, exercendo poder e desvalorizando o contexto local e suas múltiplas singularidades.

As pequenas cidades são mediadas pela intimidade, e nunca pelo distanciamento. Isso faz do trabalho algo a ser buscado, com o objetivo de ouvir as histórias, memórias e trajetórias. De certa forma, leva um bom tempo para a pesquisa tomar forma, pois as histórias vão ser contadas e, se o conteúdo for visto como íntimo, existe toda uma mediação para que a pesquisa avance em possibilidades. Os pesquisados precisam que suas histórias sejam valorizadas e que o pesquisador possa ser seu confidente/conselheiro, quase um “diário”. Logo, quando os primeiros contatos são iniciados as pessoas que irão contribuir com suas histórias de vida ficarão envergonhadas, de início, e logo ansiosas para contar e mostrar a vida como superação.

São narrativas sempre ligadas a múltiplos sentimentos e sentidos. Uma entrevista cheia de aroma e cuidado, cada informação surgindo em seu tempo, solicitando ao entrevistador contínua paciência para ouvir de tudo e posteriormente ouvir algo que seja desejável para a pesquisa.

O ritmo e a cadência da pesquisa no interior nos impõem o que Lacerda (2016) chama de “*abertura mútua*”, pois o pesquisador acaba fornecendo algumas histórias da sua vida, já que a pesquisa é extremamente relacional e existe um envolvimento que nutre essa relação baseada na “arte de ouvir” (CERTEAU, 1994; 2008). Boa Ventura de Souza Santos (2006) destaca uma “razão indolente”, que não constrói a capacidade de sentir e fazer conexões que não sejam baseadas em conhecimentos que seguem a razão e

estão a serviço da lógica moderna, que determina espaço entre o pesquisador e o objeto. Na verdade, essa leitura nos convida para combater esse fruto do colonialismo, capitalismo e pensamento liberal, que tem como recurso o “desperdício da experiência”, em que as relações são atribuídas a um papel fixo ou ao local condicionado/pesquisável. É preciso romper e dar espaços a novos atores sociais, outras formas de escrita e atribuição do conhecimento.

Essa sensação de descrever detalhes e fazer parte do cotidiano é uma característica do que chamamos de “simultaneidade de tempos” que não é percebido de uma hora ou outra (CERTEAU, 1994). Existe todo um exercício para que possamos usar diversas lentes para um mesmo lugar. No interior, temos uma sensação de tempo totalmente diferente da metrópole, pois, nesta última, o tempo está ligado a instantaneidades dos fatos/acontecimentos; tudo acontece de forma rápida sem uma preocupação com os detalhes, contornos, cheiros. No interior, temos sensações de que muitas coisas acontecem no cotidiano e, ao mesmo tempo, conseguimos enxergar de forma diferenciada o contexto global simultaneamente.

A pesquisa tendo como recorte cidades pequenas tem uma experiência mediada pela vida, que a todo o momento será atravessada por fatos e sentimentos. Tenho o cuidado de perceber os sentimentos que se envolvem na entrevista, pequenos detalhes, como a casa arrumada para esperar o momento de se falar da pesquisa na entrevista, o cabelo escovado com um suave batom, são essas desmontagens e montagens sobre esse feminino em cidades pequenas que vão evidenciando um olhar para pesquisa sobre cotidiano. Existe uma ideia que toda realidade precisa ser controlada, caracterizada, classificada, observada até que dentro dessa realidade saia uma verdade única que normatize a história do outro (LACERDA, 2016).

Essa relação está ligada a pretensão de governar ou definir, enquanto pesquisa, o que seria válido para atingir objetivos pré-determinados, não levando em conta a dinâmica da pesquisa e como as histórias se apresentam e são construídas pelas pessoas entrevistadas, cada uma em seu ritmo. Não que os objetivos não sejam importantes, o problema é que muitos possuem finalidade de normatizar e possuir a história do outro (CERTEAU, 1994; 2008).

Toda essa visão de buscar os detalhes vai diferenciar pesquisas voltadas para a travestilidade em grandes centros, em que as belezas, as feminilidades, entre outros recursos, estão ligadas por diversas vezes à norma de travesti como um ser noturno. Esta percepção do modo de ser da travesti dos grandes centros povoa as representações das travestis do interior, que acreditam que as cidades grandes seriam um lugar com grandes oportunidades. Essa fantasia norteia, por muitas vezes, todas as pessoas do interior que sempre falam que “fulano está na cidade grande, arrumou um emprego, está bem colocado”. Isso é realmente bem típico e real, essa relação entre capital e interior está sempre duelando nas cabeças das pessoas, que representam as cidades grandes enquanto norma. Assim, acabam por serem produzidos como inexistentes ou fracassados e como se tivessem uma obrigatoriedade em se assemelhar aos modos de vida da cidade grande, ou seja, como meramente reprodutores de um modelo cosmopolita, desde aspectos como a vestimenta e a linguagem até os processos de socialização.

O pensamento relatado acima começa a mudar por um dado apresentado por Lacerda (2016), ao explicitar que a expansão do ensino superior no Brasil, principalmente em cidades pequenas, vai trazer o interesse de se pesquisar essa realidade, estudada ao longo dos anos “*timidamente*”, valorizando ainda esse lugar tido como interior e os seus desdobramentos, dando a oportunidade de pessoas de cidades pequenas relatarem seus modos próprios. Entendemos, com isso, que, com a expansão do ensino superior, as cidades pequenas começam a receber estudantes de cidades maiores, tendo um caminho inverso na história da educação, que sempre contou que os estudantes que tinham oportunidade de estudar iriam migrar para a cidade grande.

A cidade grande conta com um fator muito interessante que seria o poder de deslocamento/invisibilidade, ou seja, de deslocar-se e se tornar outra pessoa, dentro de uma mesma cidade. Nesta pesquisa, essa capacidade não pode ser apresentada por uma pequena cidade, pois suas opções, problemas e imagem são quase fixas. Não existem disfarces, nem capacidade de truque em torno dos códigos sociais; as pessoas são muito próximas e acabam se sentindo parte da identidade local.

O que queremos apresentar é a capacidade e os diversos jogos políticos relacionados à ação de sobreviver em um local de poucas oportunidades de recomeço,

onde boa parcela dos habitantes locais conhecem sobre a construção da sua vida, dos seus laços afetivos e parentais. Ser uma travesti em uma cidade pequena é simbolicamente conflitante e sua trajetória escolar pode apontar questões que a escola precisa (des)aprender para poder ensinar. Talvez alguns dispositivos históricos nos ajudem a perceber toda essa construção acerca do que seria denominado travesti em nossas sociedades, apresentando um conjunto de diferentes possibilidades de existir dentro do contexto das cidades pequenas.

3.SOBRE DISFARCE OU TRUQUES: travesti em diferentes tempos

Hoje o vira virou
A moda é ser repulsa
(JALOO)

Sabemos que em vários tempos sempre existiram outras formas de ser ou estar travesti, haja vista pessoas que se vestiam de entidades femininas para rituais sagrados desde os primórdios da humanidade. Em algumas religiões isso acontece referente ao campo da fé, diferente do cristianismo, extremamente patriarcal, em que o divino é sempre representado pelo masculino, no lugar do varão. Esse ponto é extremamente importante, visto que a própria história nos leva a localizar os pressupostos do que seriam as travestis na modernidade. Tendo nesses percursos vários dispositivos de poder que nos auxiliam em um debate amplo do que seria esse espaço de disputa, dentro desse recorte, percebem-se, por demasiadas vezes, uma falta de definição do que elas seriam, já que, em alguns momentos, afirmam-se travesti, homem, mulher ou transexual.

Dessa forma, percebo algumas dificuldades enquanto pesquisador: dar conta desses movimentos cheios de fluídos e não ter como foco do trabalho definir pessoas. Assim, como “pano de fundo” das histórias que ouvi, alguns aspectos políticos vão envolvendo e trazendo o que seria essa percepção condicionada e localizada no meu olhar para esse mundo pesquisado. O estudo sobre as travestis vai nos levar a questionamentos de limites e ao mesmo tempo demarcação de outros.

A História nos dará pistas de como construir esse espaço de debate, dentro de uma revisão dos fatos, que nunca deu visibilidade a quem não obedece aos modelos expressivos/padronizados de gênero. Sabemos que, na antiguidade, através da obra de Platão (1996) seres andróginos são acionados ou até mesmo no mito do Deus Hermafrodito e outras reencarnações da idade média de monstros no âmbito do fantástico, sempre tiveram desígnios comuns que seriam a ambiguidade sexual. Um universo de monstros mitológicos e criaturas mágicas vão potencializar essa ideia, apontada na obra de Foucault (1987), em que ele aborda a criação de monstros na idade clássica, que seriam os “*Hermafroditas*”.

Podem-se destacar conflitos surgidos no âmbito da fisiologia e, concomitantemente, da espiritualidade, em um ser capaz de ter dois sexos em um só

corpo. Esse corpo era considerado como algo improvável, porque questionava a moral religiosa e seus discursos de poder, sendo ligados ao âmbito do encantamento, do engano, propondo limites para um discurso religioso. Esse discurso afastado dessa ideia clássica Greco-Romana logo vai ser possuído pela história cristã e medieval. Essa fundamentação histórica tem como objetivo mostrar e apresentar essa ideia em diferentes tempos como também auxiliar o trabalho sobre as travestis em diferentes lugares, principalmente no contexto das cidades pequenas e rurais. Toda essa leitura proveniente da antiguidade clássica, ligadas à mitologia aos Andróginos/ Hermafroditas, passando pela leitura da Idade Média como algo ligado ao castigo, à fantasia, à imperfeição humana, leva-nos a pensar nessa proposta atual do que seria essa possibilidade de ser ou estar travesti, quais os conjuntos de códigos seriam o que determinariam essa definição, dentro do próprio discurso das travestis ou das definições científicas (GOFF, 2002).

Nesse sentido, Foucault (1987) nos ajuda a pensar em um mundo que vai ser criado como instituição de poder ligado às categorias baseadas na “semelhança”, possivelmente até século XVI. Desta forma, as diferenças entre homens e mulheres não estavam condicionadas ao sexo biológico ou à diferença anatômica, mas sim à semelhança e ao uso do papel social no contexto da época. Logo, aparências estéticas femininas caracterizavam uma mulher; as atitudes, os jeitos e o conhecimento que eram considerados masculinos ou femininos eram o que definiria sua vida em sociedade. Ter diferenças corporais ou uma genitália ambígua era a mesma coisa que não se vestir adequadamente como homem ou mulher, sendo encarado como um problema de desordem espiritual/social. Isso remete à condenação da Joana D’arc, que foi acusada de adotar comportamento masculino, algo extremamente complexo para época, pois desobedecia a ordem da “Semelhança”.

Joana foi chamada de bruxa, de falsa profetisa, de conjuradora de espíritos, de mistificadora, ignorante dos preceitos católicos, de contestadora da fé, de sacrílega, de idólatra, de renegada, de blasfêmia contra Deus e contra os santos, escandalosa, sediciosa, perturbadora da ordem pública; foi acusada de incitar à violência e ao derramamento de sangue, de renegar a natureza de seu próprio sexo, vestindo-se como homem de maneira irreverente e assumindo a vocação de soldado; de enganar os poderosos e os humildes; de usurpar honrarias e de se fazer adorar, oferecendo as mãos e as vestes para que fossem beijadas (TWIN, 2001, p. 395).

A Idade Média, com a formação do pensamento cristão, é um grande quadro histórico para se perceberem suas fragilidades em diversos pontos e para constatar como o pensamento teológico propunha lugares. Isso é muito importante para perceber que sempre existiram pessoas e deuses para legitimar esse espaço silenciado pela história e que a travesti sempre existiu com diferentes nomeações, lugares e tempo. Isso nos auxilia a revelar toda uma construção cristã que vai propor um deus fixo que surge com o papel “O todo poderoso”, capaz de julgar e livrar o ser humano da imperfeição herdada do pecado. Em contraponto se cria o Diabo, um ser poderoso, fluido, pois se apresenta de diversas formas, tendo como poder a tentação, afirmando-se como oposto de Deus ou a inversão, sendo transitório, incompleto, imperfeito, variado e nunca definitivo. Tendo sua vida na noite, na escuridão, passando a ser o protagonista de toda manifestação maligna. Isso vai acontecer porque na Idade Média o cristianismo se torna religião oficial. Desse modo, todos os seres mágicos, monstros, espíritos familiares ou pessoais deixaram de existir para ser criada uma única criatura designada para representar todo o mal.

Essa virada da história é muito importante, pois passamos a perceber que essa mentalidade de mudança, de falta de estabilidade, de negação do pensamento linear e da noção do noturno são aspectos associados ao diabo. Nesse sentido, de alguma forma quem se aproximasse desse conjunto de requisitos deveria ser penalizado com as medidas cabíveis.

Já os considerados funestos e maus presságios desde a Antiguidade, os ditos hermafroditas, andróginos ou quaisquer pessoas com “deformidades”, ambigüidades ou alterações físicas passam ser vistas, desde a baixa Idade Média, como essencialmente malignas, pois sua origem não pode ter outra causa que os encontros, castigos, pactos ou acordos com Satã (LEITE JR, 2008,p.28).

Essa dominação religiosa do discurso vai fomentar o pensamento e a mentalidade das pessoas até os dias atuais, pois muitos ainda acreditam em discursos altamente conservadores, que atribuem a essas identidades não tradicionais a morada do mal, e creem, sempre firmes, na mitologia cristã que Deus fez o homem e a mulher para serem companheiros em um jardim, como seres humanos perfeitos que gozavam da liberdade e felicidade eterna. Logo foram atentados pelo “Satanás/ Diabo” e tiveram

como castigo a vergonha principalmente dos seus corpos, sendo assim, expulsos do jardim e herdando o pecado, perdendo a vida eterna. Então, qualquer imperfeição era herança desse episódio fomentado por Adão e Eva. Neste relato, temos a fundamentação do pensamento religioso que vai dominar muitos séculos da história. As evidências de alguns tipos de resistências na história religiosa são vistas como maneiras de contrapor os discursos hegemônicos e subornar as normas religiosas.

Assim o diabo ganha uma construção com cor ou pele preta, chifres, patas de cabras e rabo pontiagudo, existindo a partir da sua associação com os comportamentos desviantes, sendo esse pensamento cristalizado na mentalidade e nas relações sociais, “[...] e a sodomia era frequentemente vinculada à bruxaria e ao culto do Diabo” (RICHARDS 1993, p.147).

Mesmo assim algumas histórias de santos da Igreja Católica nos mostram fragilidades e negociações com esses pressupostos doutrinários. Um grande exemplo pode ser achado no que chamamos hoje de “Teologia Queer”, que envolve pesquisas e revisão de histórias de algumas santidades. Um exemplo que pode nos servir de ajuda para entender todos esses direcionamentos seria a história da Santa Uncumber ou Santa Liberata que, para sua época, desafiava as normas e os padrões de gênero construídos dentro dessa alusão condicionada de padrão de santidade.



Figura 2 - Na imagem Santa Paula, Santa Wilgefortis no Museu Diocesano de Graz. Fonte: Internet- Sites de busca.

Por isso para preservar sua virgindade e escapar do casamento, ela rogou intensamente a Deus para ajudá-la, ao mesmo tempo em que iniciava um rigoroso jejum. Conta-se que ela pedia a Deus em suas

orações, que apagasse sua beleza e que foi atendida, com surgimento de uma barba. O rei da Sicília assustado com tamanha magreza desistiu do casamento e seu pai, encolerizou, mandou crucificá-la. Ainda na cruz, ela teria rezado para que todos se lembrassem das coisas que estorvam as mulheres e das quais ela estava sendo liberada. Aclamava ainda, que aquela que a usasse como mediadora em suas orações seria atendida ... (WEINBERG, 2006, p.34)

Então, travesti tem suas variáveis dependendo do tempo cultural (MESQUITA, 2004). Exemplos começam do Egito antigo, cuja mitologia demonstra que essas variações pertencem a diferentes tempos da história da humanidade, tendo como exemplo Hapi, divindade que era ao mesmo tempo pai e mãe dos deuses, simbolizando a fertilidade e proteção, sempre representado com quadris e seios arredondados e ao mesmo tempo com uma barba masculina. Essa visibilidade não foi promovida pela história; existem, assim, evidências e contextos que nos mostram o que entenderíamos hoje como travestilidade/ transexualidade.

Outro ponto importante seria o aparecimento do termo travesti que foi evidenciado pelo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, que teve sua primeira aparição em 1543 com o significado de “*disfarçado*”, derivado da palavra “*travestire*”. Já o uso moderno e suas atribuições ao termo travesti estão marcados pela “Sociedade de Controle”, percurso descrito na obra de Gilles Deleuze (1992), enfatizando que o período pós Segunda Guerra Mundial, desenvolve outras configurações e percepções, gerando outras inventividades. Essa *Sociedade de Controle* proposta por Deleuze não vai liquidar as estruturas da sociedade disciplinar apresentada na obra de Foucault e pensada para apresentar as formas de disciplina na sociedade moderna.

Tendo como base a vigilância, controle e correção, que são aspectos ligados à ideia de panoptismo, em que o desviado era isolado para ser moldado dentro dessa perspectiva do presídio, manicômio e da própria escola, com intuito de que todos fossem vigiados ou observados. Na *Sociedade de Controle* proposta por Deleuze, o desviado era incluído dentro de novas lógicas de funcionamento das instituições, assim, o controle vai estar por todos os espaços, espelhando-se dentro da ideia do direito pela segurança. Câmeras estarão por toda parte, controlando universidades, espaços públicos ou comerciais, pregando e afirmando como prática benéfica e necessária. Logo a conceito da “Sociedade de Controle” tem como dispositivos a “Reforma”, pregando uma política de adaptação constante e avaliações. Na perspectiva desse regime de

controle nunca nada vai ser completo ou terminado, acabado ou finito. Dentro dessa nova produção social, surgem as categorias ou aproximações do que percebemos como travestilidades.

[...] Hirschfeld usa em 1910, em seu livro *Transvestites*, o termo transexualismo psíquico ou transexualismo da alma, para referir-se a algumas pessoas travesti por ele analisadas. Já para outros estudiosos, este termo surge apenas em 1923 aos intersexuados, citando o termo alemão original como “*Seelischer transexualismus*”(LEITE JR, 2008 p.129).

Assim, o uso da palavra travesti começa a ser situado na história, sabendo que a tecnologia para poder trocar de sexo vai ser instaurada nesta nova sociedade, que tem novos modos de agenciar outras categorias, visto que o termo transexualidade vai aparecer depois, em um primeiro momento, sendo colocado com a mesma complexidade que o termo travesti e, em um segundo momento, como desconforto e com características de controle próprias. Isso é de grande importância para perceber como o termo travesti vai sofrer com processo de descaracterização e rotulação. A transexualidade passa ser fonte de estudo e debate. O termo travesti passa por momentos de resistência, como pregado pela *Sociedade de Controle*. Algumas categorias precisariam de reformas e novas invocações ligadas à obediência e ao desejo.

Dessa forma é importante valorizarmos outros lugares e culturas para estimar todos esses percursos propostos pelos estudos ligados à antropologia social, que vai se dedicar, principalmente no Brasil, a estudar as travestis e seus papéis de resistência, oferecendo informações importantes e passando também por leituras Queer que irão potencializar nossas visões ligadas às ciências humanas em diferentes contextos, numa tentativa de perceber essas grandes construções de categorias. Sendo assim, precisamos perceber as aproximações das travestilidades em outras sociedades de dinâmicas sociais diferentes.

3.1. Travesti em outros lugares, tempos e culturas

Como notado no tópico anterior, o ser travesti não é novidade da época contemporânea – nem no interior, tampouco nos grandes centros – e, neste sentido,

podemos observar que existem múltiplas formas de se representar e não representar a travestilidade em diferentes culturas, com particularidades nacionais, como no Paquistão ou na Índia, onde existem pessoas que não se enquadram no modelo de travesti ocidental, ao qual estamos acostumados a relacionar, por não serem considerados(as) nem do campo masculino/feminino, haja vista o caso das *Hijras*, que ocupam o lugar do terceiro sexo, em que são associadas a poderes místicos podendo abençoar/amaldiçoar casamento e nascimentos. O interessante é que possui um dialeto próprio, por não se distribuir em castas, vivem em grupos para ter proteção (MUKHERJI, 2013).

Cada momento, lugar ou povo levou a construção do que, aqui no Brasil, chamamos de travesti; lógico que em cada sociedade de forma diferenciada e com outras atribuições. Outro exemplo está em Samoa (Polinésia), as *Fa'afafine*. As famílias destinam algum dos filhos para ser tornar uma *Fa'afafine*, pois acreditam que vai trazer prosperidade e segurança às famílias, o que consideram um lugar cósmico de paz, sorte e iluminação. Com toda intencionalidade criam meninos como meninas para desempenhar esse papel para o sagrado e proteção da família (BENEDETTI, 2005).

Segundo o trabalho do autor Marcos Renato de Benedetti (2005), no livro “*Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*”, os estudos sobre travesti tomaram conta da Antropologia na tentativa de explicar como eram feitas essa *Inversão de gênero*. Muitos trabalhos acreditavam na proposta de inversão de gênero, baseada na matriz homem/mulher como únicas possibilidades. Sabemos da influência dos fundamentos da biologia, que estimulou trabalhos ao longo do século XX. Esses trabalhos tinham uma descrição confusa, construída dentro de um bojo de pensamentos estreitos e reducionistas. Diferentemente dessa concepção, o autor trabalha com ideia de “Transformação de gênero”, que considera múltiplas possibilidades e acredita que as travestis são desbravadoras nas fronteiras do gênero, capazes de embaralhar, despedaçar ou (des)fazer muros de ignorância, tornando sua vida um local de denúncia.

Sabemos que essa fronteira imposta por um regime de domesticação dos corpos vem a cada dia tornando-se frágil, porosa e denunciada. As travestis trazem na arte de viver incoerências; são essas que tomam um caráter de denúncia de um sistema masculino altamente opressor. As travestis têm o poder do truque, disfarce e carão, algo impossível de ser facilmente detonado por um sistema que anda mal das pernas. Esse

termo “Inversão” vem reforçar uma visão altamente exotificada como se vivesse em desajuste social, reforçando paradigmas de anormalidade, a ideia que gênero seria organicamente programado e estável, dentro da dualidade homem/mulher.

Grande parte desses trabalhos, apesar do avanço que significaram na interpretação dos fenômenos referidos, utilizaram a ferramenta conceitual gênero como se esta tivesse uma base natural e orgânica, ligada a uma dimensão biológica, e não enquanto uma perspectiva construída a partir de significados culturais e históricos que podem ser reinterpretados e ressignificados (BENEDETTI, 2005, p.27).

Com advento dos anos 90, começa a mudar o foco dos estudos e alguns temas ganham força e passam serem analisados de forma próxima do que temos hoje com o movimento “Queer”. São anos marcados por estudos de visibilidade gay, relações do corpo, da sexualidade e por final, do gênero como algo amplo sem limites ou trânsitos. Logo, um dos dispositivos que fortalece e impulsiona as ciências humanas em geral é o advento da HIV/AIDS e depois as possibilidades de tratamento que vão surgindo e chegando ao Brasil, até o nosso país se tornar uma potência em tratamentos com uso de medicamentos que vão trazer conforto para a população que foi alvo do vírus. Isso muda muita coisa, pois vai existir uma dedicação ampla para valorizar a personalidade Gay nos anos 90, abordado por muitos como cultura gay. Algumas capitais do Brasil passam a vender uma imagem comercial sobre paraíso gay. A exemplo disso, há, no Rio de Janeiro, uma rua muito famosa, considerada um lugar apropriado e territorializado para os homossexuais cariocas.

Já as travestis também terão um lugar marcado por elas na capital do Rio de Janeiro. Esse local funciona como um circuito da prostituição e muitos trabalhos foram construídos. Lógico que existiam travestis fora dessa localidade, que residiam na Zona Sul, e travestis ou transformistas que trabalhavam em *shows* pela cidade do Rio de Janeiro, trazendo e reforçando o deslumbramento sobre questões ainda recorrentes em nossa sociedade “*Não acredito que seja um homem? Cadê o pênis? É homem ou mulher?*” Essas são outras perguntas que sustentavam essa fantasia do que era vivido por algumas travestis ou trans, consumidas por palco de boates ou por teatros (SILVA, 1996).

Na verdade, essa ideia quase mitológica da travesti/trans é bem evidente na figura da Roberta Close, que foi um símbolo de sedução no Brasil, e alvo de muitas

polêmicas. Participou, ainda, de capas de revistas masculinas até passar pela cirurgia de readequação e construir sua vagina. Essa vagina, que foi seduzida pela mídia e vários programas de auditórios no final dos anos 80 e início dos 90, foi musa de uma música do Erasmo Carlos, e depois ficou marcada como o suposto pivô da morte de sua esposa, que tinha cometido suicídio. Alvo de chamadas polêmicas como “*Dá um close nela*”, brilhou como modelo em diversos países, não conseguiu se sustentar na mídia e, hoje, casada, mora fora do país.

Assim como episódios “pitorescos” como a popularização do Travesti Roberta Close, no nível de consumo das massas, estariam exprimindo, apesar de sua óbvia reapropriação capitalista, uma crescente pressão de uma população de travesti também crescente (PERLONGHER, 1987 p. 62).

Esses casos são típicos de um lugar frágil que se deixa seduzir, mas nunca se embriagar. O nosso país sempre foi vendido como paraíso da diversidade e trópicos dos pecados, assim como a sedução e o desejo passam por caminhos de durabilidade curta e logo retoma a lucidez (VAINFAS, 1989). Temos a sensação de que avançamos casas no tabuleiro da democracia através da igualdade de direito, tão amplamente divulgada por militantes e antenados. Ao mesmo tempo, vimos uma onda de retrocessos e limitações de programas para a população Travesti/Trans que não conseguem permanecer na escola, uma vez que têm dificuldade na busca por trabalho, entre muitos impasses e atrofiamentos dos direitos básicos em geral.

O interessante é que o movimento gay estava muito ligado ao marco legal e ao desenvolvimento de políticas públicas, acreditando em um processo de igualdade; diferente dos estudos Queer, que estão preocupados com o processo cultural, ao qual foram inseridas essas disposições do estado, que controla até mesmo o direito das pessoas viverem juntas e não reconhece muitos arranjos familiares. Outras tensões do estudo Queer referem-se à crítica ao dinheiro rosa, tão amplamente incorporado ao capitalismo por marcas de roupas e, inclusive, movimentos gays, já que muitas paradas gays são financiadas por empresários ou por donos de sites de relacionamentos gays. Há, assim, toda uma cultura da diferença para atingir um público que acaba ficando conhecido por festas e estilos de vida caros. Cria-se o *padrão gay*.

As temáticas do corpo tentam buscar singularidades para poder explicar ou pelo menos tentar entender como as travestis conseguem sobreviver a esses sistemas de

coisas que têm produzido morte de maneira cruel e recordista a nível mundial. Existem relatos disponíveis do que seria a “*Primeira Travesti Brasileira*”, como o do antropólogo Luiz Mott (1988a,1988b), numa narrativa em que um escravo vindo do Congo, que não aceitava ser tratado por nome masculino, só atendia pelo nome de “*Vitória*”. Vainfas (1989) mostra em seu livro *Trópico dos Pecados* que pessoas que utilizavam vestimentas destinadas ao sexo feminino eram submetidas ao Tribunal da Inquisição no Brasil.

Podemos ver que na atualidade ou no passado existem diferentes empregos para termo travesti. Existe uma visão que para a maioria das pessoas seria confortável, que ser travesti seria um *homem que vira mulher*. Para os mais atentos do assunto, *uma mulher de pênis*. Para muitxs na prostituição, *mona¹ de equê²*.

O travesti histórico teatraliza para si diante do espelho aquela virtualidade que a educação ensina a evitar em qualquer situação, todo o tempo e em todos os espaços. Assim, sua diferença em relação aos machos-homens e às fêmeas-mulheres é de grau, não é de natureza. (SILVA & FLORENTINO, 1996, p.106)

É evidente que, ao longo desta pesquisa, localizam-se as marcas e multiplicidades de gênero das travestis em outras possibilidades. Percebendo esse movimento de forma diferenciada no interior com influência e referências próprias, elas construíram suas próprias alternativas. Há muitas travestis que tem uma vida social ampla e vivem relativamente bem. Algumas escolhem viver como menina com o nome masculino; outras trocam de gênero, mas vivem afirmando “*sou homem quando preciso*”, o que torna mais interessante na pesquisa que não existe um lugar fixo. Muitas afirmam que gostam de causar confusão na cabeça das pessoas, sendo que existir enquanto travesti realmente nos traz algumas rupturas daquilo que acreditamos como existência fixa.

Existem também travestis que vão envelhecendo, cansam da vida em *batalha³*, vêm para cidades do interior e abrem mão da vida no feminino, cortando o cabelo, tirando o silicone dos seios ou escondendo e adotando o nome civil. São muitas as

¹ Mona: seria mulher na linguagem das travestis, em outros contextos pode estar relacionado a um gay muito feminino.

² Equê: seria mentira, falsidade ou traição. Portanto, Mona de Equê seria uma mulher de mentira.

³ Batalha: Lugar de prostituição sendo geralmente ligada à calçada ou ruas, também usam muito o termo *pista*.

possibilidades que a experiência das travestis no interior trazem, tecendo e movendo sempre a nossa curiosidade.

Em uma cidade do interior, onde as pessoas têm laços afetivos diferentes daquele construído em uma metrópole, isto é bastante nítido. No interior, as pessoas são capazes de falar sobre história, que talvez desconheça até mesmo da sua família e sobre si próprio. Isso é muito interessante, pois temos aquela velha ideia que o interior é ligado às regras da metrópole e que não pode construir suas próprias alternativas de vida e relacionamento. Existe muita invenção nesse contexto por muitos encarado como inferior. Por aqui as coisas são em ritmos diferenciados, existem linhas de fugas, que mostram a importância de se estudar o interior e seu cotidiano. Essa característica de inventar leva-nos a pensar no lugar e no movimento da “*Anti-disciplina*” que se manifesta em atitudes e posicionamentos em relação à vida. Não construindo atitudes coletivas de resistências com pautas específicas ou movimentos sociais, existem outras formas de exercer essa solidão “travestida”, negociando espaço e lutando sem grande visibilidade e avanços midiáticos. Por isso, é preciso potencializar esse lugar que também luta no seu cotidiano, trazendo as trajetórias como uma maior potencialidade política (CERTEAU, 1994). Essas trajetórias são marcadas na memória como possibilidade de escapar e fugir da disciplina, exercendo a invenção sobre o cotidiano para suportar a realidade altamente construída pelas travestis do interior. Assim, uma das marcas do trabalho é valorizar a travesti como construtora de sua história e memória.

As cidades do interior têm experiências ricas; não se trata de um lugar mofado, antigo e úmido. Possuem todas as suas complexidades, e muita coisa pode ser vista e pesquisada; é um grande lugar de (des)aprendizagem. Também procuramos evidenciar outras contribuições teóricas que vão servir como caminho e percurso para entender a mentalidade construída e projetada, relacionando ao modo como chegamos a pensar o percurso histórico de gênero atribuído às travestis. Desta forma, tentando buscar significados que ultrapassem as definições clínicas, a fim de pensar as travestis a partir dos seus dispositivos de vida e significado.

3.2. Trajetórias *Queer*, aos estudos *Queers*: uma análise necessária

A teoria *Queer* vem surgindo para explicar os papéis sociais das pessoas na sociedade, partindo dos princípios que a identidade sexual e a identidade de gênero são um constructo social e que isto não é um código binário (homem/mulher), mas uma forma de expressar a própria existência e estar no mundo, não seguindo padrões biológicos e mesmo fisiológicos (LOURO, 2004).

Sabemos que a história vai produzir e demarcar categorias, tentando negligenciar o cotidiano. Mesmo com ciência de que a produção da existência é algo que questiona limites produzidos por um discurso médico e patológico, algumas observações históricas são altamente relevantes para esclarecer o que seria pronto e acabado do ponto de vista da “Ciência Sexual” (LAQUEUR, 2001).

Entendemos como processo os surgimentos de novas demandas que vão sendo analisadas pelas Ciências Humanas e Sociais. Com o pensamento *Queer*, essas ideias começam a se desmontar, porque se pensa em um momento no qual não existem barreiras ao gênero. Toma-se como algo incocebível encaixar o ser humano dentro de uma caixa única da heterossexualidade e outras categorias historicamente programadas. Os estudos *Queer* lutam contra a ordem de um sistema implantado e pensado para o comportamento sexual e noções de corpo e está em desarticulação aos vícios e aos binarismos criados para rotular e padronizar, rejeitando os modelos e possibilitando a fluidez como visão.

Dentro deste contexto temos uma sequência de fatos que nos ajudam a pensar a travesti não com modelo único. Portanto, quais discursos foram essenciais para manutenção e reprodução de modelos que ainda permeiam a mentalidade atual? Precisamos pensar nos dispositivos históricos que fundamentaram toda essa ideia, a fim de promover reflexão de como se construíram esses edifícios de certezas com caráter imutável, em a exclusão aos modelos de existência contra-hegemônicos.

Laqueur, em sua obra *Inventando o sexo* (2001), ajuda-nos a perceber junto ao exame minucioso dos tratados sobre anatomia humana e manuais de medicina, que até o século XVIII acreditava em um modelo único, em que o masculino era o sexo universal. As mulheres eram consideradas inferiores por ter órgãos sexuais invertidos. A diferença era dada porque as mulheres sentiam menos calor, assim acreditava-se que a falta do calor atrapalhava as condições de formação do pênis, impossibilitando sua saída.

Em alguma época do século XVIII, o sexo que nós conhecemos foi inventado. Os órgãos reprodutivos passaram de pontos paradigmáticos para mostrar hierarquia ressonante através do cosmo ao fundamento da diferença incomensurável: “as mulheres devem seu temperamento aos seus órgãos reprodutivos, especialmente o útero”, conforme disse um médico do século XVIII. Temos aqui não só um repúdio explícito do velho isomorfismo como também, e mais importante, uma rejeição da ideia de que as diferenças sutis entre os órgãos, fluidos e processos fisiológicos refletiam uma ordem transcendental de perfeição. (LAQUEUR, 2001, p.189)

Outro fato interessante é que existia sempre a possibilidade de migrar de sexo, em que quem mudava se revestia de possibilidades místicas consideradas hermafroditas ou andróginas. Toda essa possibilidade estava relacionada à força física, a qual ajudava o pênis e os órgãos masculinos a descer, assim era o processo de mudança de mulher para homem. Assumindo uma *performance/atuação* totalmente diferente que foi destinada socialmente, essa possibilidade de se tornar homem era possível e estimada. Com essas leituras sobre as possibilidades e a invenção do sexo, emergiam, no século XVIII, as *identidades sexuais*. A partir delas, formam-se dois gêneros absolutos: o masculino/feminino. Essas políticas de identidade junto à modernidade inauguram a disciplina dos corpos e tentam forçar um passado junto ao discurso da biologia.

A preocupação teórica com o gênero como uma categoria analítica só emergiu no fim do século XX. Ela está ausente das principais abordagens de teoria social formuladas desde o século XVIII até o começo do século XX. De fato, algumas destas teorias construíram sua lógica a partir de analogias como a oposição entre o masculino/feminino, outras reconheceram uma —questão feminina, outras ainda se preocuparam com a formulação da identidade sexual subjetiva, mas o gênero, como forma de falar sobre relações sociais e sexuais não tinham aparecido. (SCOTT, 1995, p. 85).

Tanto a modernidade tenta ter ligações e conexões com a heterossexualidade, buscando por vezes sociedades patriarcais e o modelo dos hebreus tidos como povos de grande importância para o mundo cristão, pois, acreditada somente em um só Deus, assim começa a formação da ideologia da família cristã. Logo, o discurso da ciência vai tomar conta e construir um processo de articulação entre identidade e o sexo. Esse processo associa que uma identidade marcada pela biologia masculina deve destinar suas práticas sexuais exclusivamente a ter um homem como parceiro, ou seja, existe um conjunto de fatores para que a heterossexualidade governe; a heterossexualidade vem como padrão cultural e qualquer pessoa que patine seria considerada anormal.

(...) Ligando a categoria sexo á categoria identidade; haverá dois sexos distintos e uniformes, e eles vão expressar e se tornar evidentes no gênero e na sexualidade, de modo que qualquer manifestação social de não identidade, descontinuidade, ou incoerência sexual, será punida, controlada, repudiada e reformada (BUTLER, 2008, p.97).

O próximo passo é transformar a heterossexualidade numa certeza e patologizar as outras identidades sexuais que passam a ser consideradas doenças, por não obedecer a biologia ou serem consideradas incorretas no campo dos desejos. Então, alguns aspectos são invocados para transformar essas multidões que fogem ao padrão social imposto e buscam a suposta anormalidade (PRECIADO, 2011), tendo suas formas de vidas definidas como doenças em algum momento da história, como na década de 90, em que, no CID-10 (Código Internacional de Doenças), o ser que fugia da heteronormatividade recebia os códigos:

CID 10 - F64	Transtornos da identidade sexual;
CID 10 - F64.0	Transexualismo;
CID 10 - F64.1	Travestismo bivalente;
CID 10 - F64.2	Transtorno de identidade sexual na infância;
CID 10 - F64.8	Outros transtornos da identidade sexual;
CID 10 - F64.9	Transtorno não especificado da identidade sexual.

Ademais, vale salientar os conceitos de pecado e doença, que seguem:

1. Pecado - Homossexualidade/Travestilidade/Transexualidade e seus desdobramentos são considerados repugnantes e devem ser combatidos. Deus não tolera o (des)natural (VAINFAS,1989).
2. Doença - As ciências (psicologia, psiquiatria, psicanálise) vão se empenhar para ligar as práticas sexuais consideradas precárias, por não ter finalidade à família, em doenças, criminalidade e patologia (FOUCAULT, 2001).

Assim, o poder disciplinar pode ser posto em prática para vigilância constante dos corpos e manutenção da família monogâmica/herdeiro e seu projeto de felicidade. Projeto que garante uma série de privilégios ou maldições: para burguesia, a herança e os modos de produção; para os trabalhadores, exploração, pobreza, anormalidade e fracasso escolar (CHAUÍ, 1984).

O interessante seria como formular essas patologias como um dispositivo de poder, onde pessoas acreditassem que eram doentes e que seus desejos não eram naturais. Não existem dispositivos científicos para definir parâmetros e limites do que seria patológico ou normal (BENTO; PELÚCIO, 2012, P.573-574). Qualquer testagem não é isenta e gera ambiguidades. O incrível seria essa geração de poder com tão pouco conhecimento. Como classificar uma pessoa travesti/trans, qual o limite do natural quando deixa de ser natural?

Berenice Bento (2006), em sua obra “A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na perspectiva transexual” estuda a transexualidade e os laudos médicos para fabricação da vagina. Para avaliar uma pessoa trans, a linguagem e os argumentos são levados em conta. Para se tornar mulher, deveria ser vista como submissa. Tornar-se mulher para poder ter um marido e tornar-se uma mulher para se sentir normal. Isso acontece na maioria das entrevistas para quem se dispuser a realizar a famosa cirurgia de mudança de sexo.

A experiência transexual põe em destaque aqueles atos discursivos e corporais considerados socialmente importantes para dar vida aos corpos sexuais, ao mesmo tempo em que desloca. Se experiência nega a origem biológica para a explicação dos comportamentos, contraditoriamente, é a pressuposição dessa origem natural que gerará as expectativas e as suposições sobre as condutas apropriadas para os gêneros. Os corpos dos transexuais e dos não transexuais são fabricados por tecnologias precisas e sofisticadas que têm como um dos mais poderosos resultados, nas subjetividades, as crenças de que a determinação das identidades está inscrita em alguma parte dos corpos. (BENTO, 2014, p.284).

O corpo deve se adequar ao feminino. A medicina não considera outros tipos de vida que não sejam marcados pelo masculino/ feminino; só há essa possibilidade de existência e felicidade. A grande virada é que esse corpo pode ser feito através de tecnologias, que vão favorecer as discussões sobre gênero como algo muito maior do que existe entre os masculinos e os femininos. Essas possibilidades tecnológicas vão revolucionar a história do desejo e as tecnologias do prazer, além de potencializar as mudanças do corpo com o advento do silicone como prótese.

As identidades sexuais passam a ser mapeadas e impregnadas de diagnóstico, levando em conta argumentos históricos sobre perversão e promiscuidade. Condenados por serem práticas sexuais não reprodutivas, surge o *Homossexualismo* como doença, que com muita luta vai deixar de pertencer o *Manual de Diagnóstico e Estatística de*

transtornos mentais (DSM-V, 2014) elevando uma nova categoria ao Transtorno de Gênero que aprisiona até os dias atuais travestis e transexuais.

O Queer vem desmontar essas “únicas” possibilidades ou certezas identitárias, desconstruindo os recursos da heterossexualidade. Escritos Queer vêm ressignificar termos que antes eram usados como objetos de censura, como traveco, bicha, sapatão, intimando as pessoas a se reconhecerem nessas posições, ousando romper com a lógica dominante da escola e todo seu apoio disciplinar. O potencial do Queer é político contra esse sistema que decide. Onde estão os saberes que julgam e dividem através de certezas pessoas e seus conhecimentos entre desqualificados e subalternos?

Só recentemente conseguimos localizar como a educação tem falhado em seus propósitos no campo legal e o debate dos estudos Queer vem nos ajudar a entender como todo processo histórico foi importante para decidir quem teria os privilégios garantidos para participar do processo de escolarização. A escola tem-se colocado atualmente como um local de todos, principalmente a escola pública. Porém, infelizmente, a escola, no que tange às pessoas e suas diferenças, está longe de ser um espaço de todos, tornando-se um lugar ruim para muitos. Trazer as trajetórias pode nos ajudar a entender como esse processo é diferente e dependente de cada realidade.

As produções sobre travestilidade por muito tempo estavam altamente ligadas a produzir padrões, categorizar e patologizar. Existe o discurso produzido ao longo de muito tempo, junto à academia, que tem como objetivo enquadrar essas existências em um padrão heretonormativo ou concepções de gênero binário, ligados exclusivamente à biologia e à medicina. Temos uma herança altamente impregnada pela biologia, que afirma a existência entre humanos, ligados exclusivamente à reprodução, que vai formular concepções de gênero entre Macho/Fêmea.

Essas fontes e modos de vidas relativos a gênero possibilitam um debate longo com muitas armadilhas, ao qual devemos a todo o momento revisitar. As travestis vão nos ajudar a desconfiar de uma palavra que está dentro de vários discursos na atualidade: a *identidade*. O debate sobre as questões de gênero vai ter um grande impacto naquilo que por muito tempo nomeamos como identidade. A todo momento, em conversa com meninas que afirmam ser travesti e que, ao mesmo tempo estavam presas nas questões relativas à identidade, achava que todxs as pessoas se percebiam da

mesma forma, o que foi, incrivelmente, ao contrário. Cada entrevistada se percebia de maneira diferente. Por diversas vezes, estava curioso em saber o que era ser travesti para elas, algo que elas não tinham uma resposta pronta. Acreditamos que neste bojo político de corpo, aparentemente localizadas em um gênero, não significa que suas intenções sejam a todo o momento representar um único gênero.

4. TRAJETÓRIAS ESCOLARES E SUAS LIMITAÇÕES

Quis se adornar quis se enfeitar
Vestido e salto,
Enfim pra si tomou
Se transformou
Se arriscou
Se reinventou e gostou
Ele se transformou

(Pitty)

Devemos sempre suspeitar do que chamamos atualmente de escola. No Brasil, principalmente, precisamos entender como esse ideário de escola como um local único e de saber valorizado socialmente se fundamentou, com vistas a perceber como as travestis do interior construíram o que, neste estudo, chamamos de *trajetórias*. É importante reconhecermos os múltiplos dispositivos, não nos deixando capturar ou seduzir pela grande propaganda de uma Escola para Todos.

As meninas com as quais tenho contato sempre perceberam, desde as primeiras conversas, que meu trabalho tinha relação com a educação. Mesmo sabendo que o trabalho tinha como objetivo suas trajetórias escolares, por muitas vezes não queriam falar sobre o assunto. Fomos percebendo que tudo depende do dia, local e dos sentimentos. Com frequência, falávamos sobre o mesmo assunto do outro dia de forma totalmente diferente. Isso me fez pensar no desafio de eleger pequenos trechos de entrevista e tomar como verdade absoluta.

O que impressiona nessas pesquisas é a dificuldade dos pesquisadores de perceber que a própria precariedade dos instrumentos de avaliação e do contexto das observações pode ser a responsável pelos resultados negativos encontrados. A relação pesquisador/pesquisado e sua influência sobre os comportamentos observados e igualmente ignorada (PATTO, 2015 p.73).

Na edição atualizada do livro “*A Produção do Fracasso Escolar: Histórias de Submissão e Rebelia*” da autora Maria Helena Souza Patto (2015), algumas pistas são dadas para pesquisar pessoas que tem na escola um grande desafio, que seria resistir a todos os estigmas para permanecer no circuito da escolarização. A autora tem sua pesquisa baseada na ideia de como a pobreza é um fator determinante para a exclusão, a qual a produção do fracasso ou o peso de apontar os fracassados tem como objetivo real de capturar a criança oriunda de família da classe trabalhadora. Por dois objetivos: para destinar qual é seu lugar social e para designar as classes, dividindo em escolarizáveis e

não aptos a pertencer ao contexto educacional (PATTO, 2015). Percebemos que esse olhar da autora mostra a importância de denunciar como a escola se tornou o *locus* da produção de fracassos. A educação sempre teve como missão escolher lugares e eleger pessoas.

Dizem para o oprimido que a deficiência é dele e lhe prometem uma igualdade de oportunidades impossível, através de programas de educação compensatória que já nascem condenados ao fracasso quando parte do pressuposto de que seus destinatários são menos aptos á aprendizagem escolar. Mesmo assim, fazem renascer, com esses programas, a esperança na justiça social, mais uma vez graças ao papel democratizante atribuído à escola compensatória... (PATTO, 2015 p.73).

Esses programas de educação compensatória servem para legitimar, mascarar e explicar de forma racional as diferenças políticas, culturais, sociais sem apresentar a divisão das sociedades em classes como causa dessas diferenças. A escola serve para a manutenção de um sistema cheio de ilusões que tem como objetivo a manutenção do *status quo* das classes dominantes, fato promovedor de tensões para as minorias, que sempre têm a sensação de não pertencer a este local dito como de todos. A escola vai se vestir através do seu poder da “Escola Redentora” com a promessa de resolver a problemática da pobreza e dos desvios, e redimirá as pessoas de suas insuficiências, que adquiriram no lugar e no convívio social, tendo como objetivo devolver para a sociedade essas pessoas revertidas e transformadas pela cultura escolar (PATTO, 2015).

Trazendo a discussão para a forma como a escola lida(va) com a diversidade, entendemos que a escola sempre escolheu em sua prática, discursos e ensaios da heterossexualidade como algo limpo, público e feliz. As pessoas na escola, principalmente os educadores, incentivam para ensaiar, treinar e praticar a heterossexualidade, deixando marcas dolorosas de quem não se enquadra. Os corpos na educação são convidados para construir desde cedo suas identidades fixas baseadas na heterossexualidade, através de tecnologias de (auto)disciplinamento, investimento numa pedagogia que demonstre o espaço de cada gênero na escola, sempre reforçando espaços de meninos e lugares de meninas. Desta forma, quem foge a esta regra, acaba tendo seu espaço tolhido no ambiente escolar, pois passam a ser criados para pessoas que não obedecem à pedagogia da heterossexualidade um lugar inóspito. O interessante é que, com a criação do estado liberal, práticas sexuais são consideradas algo altamente

privado; não são condenadas desde que permaneçam em segredo, disfarcem e estejam desvinculadas de escândalos. “O que efetivamente incomoda é a manifestação aberta e pública de sujeitos e práticas não heterossexuais” (LOURO 2015 p.29). A travesti na escola vai ter grandes dificuldades de permanência, pois esta torna-se um espaço extremamente difícil, por questões que vão estar ligadas à sua identidade de gênero, classe social ou questões religiosas.

Por outro lado, na medida em que várias identidades – gays, lésbicas, *queers*, bissexuais, transexuais, travesti- emergem publicamente, elas acabam por evidenciar, de forma muito concreta a instabilidade e a fluidez das identidades sexuais. E isso é percebido como muito desestabilizador e “perigoso” (LOURO 2015 p.31).

Assim, a escola desenha desde muito cedo quem são os fracassados perante um sistema educacional, buscando uma base científica para diferenciar pessoas através de teorias raciais, classe social e genialidade hereditária (PATTO, 2015). Muitas meninas em processo de transição veem o abandono escolar como natural, visto que o contexto escolar não protege seu corpo e suas novas adequações (BENTO. 2006).

Há corpos que escapam ao processo de produção dos gêneros inteligíveis e, ao fazê-lo, se põem em risco porque desobedecem às normas de gênero e ao mesmo tempo revelam as possibilidades de transformações dessas mesmas normas. (BENTO, 2011, p. 551).

Curiosamente a escola tem suas táticas de silenciamentos, perseguição e violência, promovendo por muitas vezes um terrorismo de gênero, o qual afirma continuamente que a biologia define os corpos e que as pessoas com corpos em trânsito não importam. Ao longo da tessitura deste estudo, percebe-se que a escola elege pessoas para ser sua propaganda e naturalizar a heterossexualidade como um caminho de sucesso escolar. Há, no entanto, uma curiosidade que permeia o meu pensamento: quais estratégias essas meninas recorreram para sobreviver à escola, visto que passam por uma acumulação de estigmas sendo travestis, pobres, do interior? Reflito sobre esse longínquo caminho, de modo a evidenciar e ouvir o que essas meninas têm a dizer sobre a escola.

Desde muito cedo, sentem-se ameaçadas por abusos sexuais geralmente coletivos. Existem muitos relatos de abusos no banheiro ou na hora da saída da escola, obrigadas, assim, a manter relações sexuais com muitos parceiros, havendo violência física. Esses segredos sobre a vivência no contexto escolar nunca serão levados aos pais

e nem mesmo à direção escolar, talvez por receio das possíveis reações, uma vez que o senso comum tente a acusar que a diferença e o corpo é que levam ao despertar dos desejos incontroláveis.

Muitas travestis abandonam a escola para poder se harmonizar e adequar seu corpo para a prostituição (pista), visto que a escola e a família não as acolhem e preferem viver longe de toda essa transição. Essa busca de proximidade com o corpo feminino vai envolver muitos riscos. Dentre os processos comuns, cita-se o uso de hormônios oriundos de anticoncepcionais conseguidos por outras travestis. Assim começa o ritual na escola da vida, a fim tomar o espaço da escolarização. A prostituição não é um destino; é um equívoco pensar a prostituição como escolha.

Outro ponto interessante a se destacar é o acolhimento, pela escola, das travestis enquanto egressas. De modo geral, após saírem da escola, os vínculos não são estabelecidos novamente. Dificilmente observa-se a fala dos profissionais da educação e dos muitos pesquisadores universitários sobre a importância dessas meninas fazerem parte da comunidade escolar. O contexto escolar torna-se um lugar perturbador, onde muitas meninas são vistas como algo ligado ao sexo rápido e a serviços a grupos de meninos para prazeres sexuais sem afetividade.

Esses abusos já apontados acontecem também na relação do forte/fraco, em que haverá a naturalização dos abusos. No caso da escola, esses abusos são sempre feitos com pessoas que esboçam alguma fragilidade, geralmente quando é colocado um desafio ou ritual de aprovação e aceitação no grupo, sempre tendo como finalidade provar traços de masculinidade.

A menina em transição é obrigada no contexto escolar a usar o banheiro masculino, tornando seu corpo vulnerável a múltiplas chacotas sexuais e emocionais. A travesti precisa se render ao ritual para construir sua própria feminilidade, sendo desafiada a todo o momento a aguentar múltiplos parceiros.

A escola vai pensar seu discurso e suas posições pedagógicas a partir de um discurso heteronormativo, logo essa pedagogia é que temos acesso desde infância, na nossa cultura pedagógica, em que se define como estabelecer vínculos afetivos com a

escola. Desse modo, o que tange as subjetividades das travestis é algo altamente complexo nas relações com a educação.

Outro problema é que o corpo das travestis é construído e não percebido como sujeito, que desde muito cedo apresentam suas fragilidades, rupturas e trânsitos.

Gravidez do futuro, gravidez de si mesmo, o travesti guarda em si os elementos necessários para gestar a diferença, o avesso do normal, ele é seu pai e sua mãe é a imagem de seus homens escultor de suas mulheres. Na produção da mulher, corpo e alma são inventados, e da composição dessas esferas conformam-se “pessoas” e surgem “indivíduos” desejantes. (SILVA, 1996. pág.109)

Com o exposto, o ser travesti dentro do contexto escolar vai, desde cedo, rompendo com as normas, demarcando um espaço que não é criado para ele, mas que é seu. É neste sentido que a partir de agora partiremos para a metodologia de pesquisa de entrevistas orais, com travestis do interior de Miracema-RJ, mostrando suas vidas, (des)aprendizados no ambiente escolar, superação e falhas do sistema escolar com estes seres.

5.METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentam-se os caminhos metodológicos, combinados com histórias, cenas soltas e vivências, com objetivo de mostrar o delineamento da pesquisa e conduzir as relações que vão aparecendo, tentando tecer e enxergar as pessoas e seus sentimentos, os ingredientes das histórias de vida, mostrando uma realidade desconfiada de algumas relações, respeitando suas trajetórias. Convém enfatizar que uma pesquisa passa por fases de insegurança e ansiedades, as quais levam a questionamentos: “Como começar?”. Tendo como possibilidade atribuir às histórias de múltiplas camadas de significados e estimas, usamos como álibi a realidade das cidades pequenas, pelas quais tenho grande sedução por fazer parte e ter nascido. Com isso, somos convidados a observar, buscar e tentar achar uma saída para potencializar este local rico e precioso.

A cidade que vai ser sede da pesquisa é Miracema-RJ, uma cidade situada no noroeste do estado com quase 26 mil habitantes. Um município que guarda grandes escândalos sexuais, além de ter personagens muito interessantes e sempre lembrados pela memória popular.

Miracema guarda múltiplos apelidos, como “*Miraconha, Miracrack, Miráina*”, devido aos resquícios do tráfico de drogas, o qual possui uma influência muito grande na memória das pessoas. Ademais, a cidade ficou conhecida por índices elevados de criminalidade. Vale salientar que as memórias das pessoas da cidade do interior são quase imperdoáveis, pois a cidade também ficou famosa por uma moça que saiu nua no carnaval, como Eva, na antiga escola de samba do Jair Polaca. Nunca encontrei com essa moça, mas sabia que existia essa história que venho ouvindo desde criança.

Além desta, existem muitas histórias, como a de um padre que ficou nu, ou melhor, enviou fotos nuas ou *nudes* (termos usados para nudez enviada por redes sociais); um grande escândalo para uma pequena cidade. Estamos falando de uma cidade muito católica e aparentemente tradicional, considerada a princesinha do norte, o que torna mais atraente as histórias dessas travestis.

Uma cidade que tem uma história e um nome muito sugestivo “*Miracema – Pau que brota gente que nasce*”. Tudo baseado na história de vida de uma mulher conhecida como fundadora da cidade que tinha um desejo de ter um filho padre que acaba se

apaixonando. Então, ela manda construir a primeira capela. Dentro dessa, tinha um grande tronco seco que ajudava sustentar toda essa capela, dedicada a Santo Antônio. Logo, esse tronco brota. Dona Ermelinda muito católica acreditou que seria um milagre.

Esta história envolve religião, fé e outras coisas que fazem surgir o nome Miracema, uma cidade de grandes segredos e linhas de sobrevivência. As pesquisas nas cidades do interior podem ser muito prazerosas e ao mesmo tempo desafiadoras. Acredito que, fazendo uma busca pela internet, não se consiga localizar algo sobre travesti e as cidades do interior e ao mesmo tempo entendo que, com a interiorização do ensino superior, abre-se essa oportunidade, de novos pesquisadores se sentirem atraídos pelas histórias de uma cidade aparentemente pequena, hostil e que “só tem gente da roça”.

É muito importante acreditar que existem outros lugares de possibilidades científicas. Sabemos que os países latinos sofreram por não serem aceitos como um lugar de produção e ciência. Imagino essas pequenas cidades o que seriam no pensamento e lugar científicos. Sei que é possível desenvolver um bom trabalho, mas é preciso mergulhar nessas relações e entender: Como essas travestis conseguiram sobreviver à escola em uma cidade do interior?

Tem-se como inspiração a história de uma travesti de Colônia do Piauí que virou um filme/documentário, chamado Kátia. A narrativa conta a história dessa travesti numa cidade bem pequena, onde ela foi a primeira travesti eleita para cargo de vereadora no Brasil por votos diretos (VEIGA, 2015). Este documentário inspira a motivação pela pesquisa, na medida em que confere esperança à busca de histórias que possam fortalecer a existência em uma cidade envolvida por um conjunto de limitações no âmbito econômico, do direito e do trabalho.

As travestis têm um grande trabalho na vida que é se manter e, a todo o momento, corrigir seu corpo. Isso não é muito diferente no interior. Tal situação é bem relatada por um grande trabalho etnográfico de Hélio R.S Silva em seu livro “Travesti – A Invenção do feminino”, de 1993, que tem como local de estudo a Lapa, na cidade do Rio de Janeiro, onde há muitas meninas, principalmente ligadas ao trabalho noturno. Esse livro auxilia no entendimento da composição de um trabalho etnográfico e seus limites (SILVA, 1993). As travestis relatam sempre as dificuldades de se manter

próximas ao feminino. Isso aparece em alguns diálogos registrados pela pesquisa. As travestis se apresentam como montagem, que englobam vários circuitos e desafiam a natureza.

Pesquisador: Qual a maior dificuldade?

Luana kefore: Ter que cuidar dos pelos é muito chato. Bicha, tem dias que meu xuxu (pelos no rosto) grita... Bicha, aquendar a mala (esconder o pênis) é babado, tem que dar o truque da xoxota (referente à vagina) nervosa. Mas faço a linha garota, sempre, pois sou fina e rica.

O risco deriva de dois grandes fatores. Primeiro, o objeto travesti suscita sempre a curiosidade que se reserva aos temas bizarros e esdrúxulos e nesse campo de expectativas, e até contra seus próprios projetos, o pesquisador corre risco de tentar respondera tais inquietações (SILVA, 1993 p.143).

Existe um bar muito antigo conhecido como “*Joãozinho das Putas*”, em Miracema, onde se localizam todas as prostitutas antigas. As travestis mais novas geralmente não ficam nesse circuito. Este bar não tem esse nome, mas é reconhecido por ele. O dono, geralmente com semblante carrancudo, só recebe bem os clientes antigos.

Pesquisador: Gente... Esse bar do Joãozinho tem uma trilha sonora antiga.

Lalesca - Fim de carreira, mona, só toca Amado Batista e os bofes tomam Schin.

Pesquisador: Como assim, Lalesca, acha o lugar ruim?

Lalesca: Mona, só tem trava do globo da morte.

Pesquisador: Trabalham no circo?(Rindo)

Lalesca: Bicha lesada, todas com a Elisa (Referente HIV)

Pesquisador: Agora eu entendi.

Esse bar famoso localiza-se perto de uma academia. Facilmente encontra-se neste local a travesti mais senhora, tomando cerveja e ouvindo suas músicas preferidas.

Dentre elas, uma figura famosa de Miracema, uma prostituta antiga que foi dona das zonas mais famosas da região, com o nome de guerra Tia Ilka. Tem seu prestígio e um histórico longo de sobrevivência no interior. Naquele bar muitas vezes à noite era marcada por brigas ou com o dono fechando o estabelecimento. Quando o dono queria fechar, ele suspendia a bebida, fechava e mandava todo mundo do bar embora. Típico dos bares do interior, possuía uma estufa de colocar salgadinho, mas que, na verdade, colocava bucho de boi, coxa de frango, língua de boi e moela de frango. Acima do bar, morava a travesti mais antiga de Miracema. Usamos esse bar como primeiro contato.

Fomos recebidos em festa nas casas, com várias oportunidades de potencializar dada pesquisa. Inicialmente, o propósito era identificar amigos em comum para poder manter contato com essas meninas. É muito importante poder pesquisar nesta cidade uma temática que tem uma relação de vida comigo. Sou natural de Miracema e isso favorece meu olhar sobre as coisas.

Assim, agencia-se o campo de pesquisa e busca-se entender as relações e as vivências do entorno. Destina-se foco aos detalhes, que talvez possam ajudar a compreender algo mais à frente, sobre as relações entre clássicos etnográficos, história oral e a possibilidade de formar meu olhar.

Constroi-se, ao longo do trabalho, uma visão das cidades pequenas, a fim de promover uma discussão de travestilidades nesse local, com objetivo de potencializar as relações construídas pelas pessoas em cidades menores. Esses contextos são um grande campo para se pensar a temática de gênero e principalmente conversar e poder ouvir as travestis em meio as suas histórias e trajetórias escolares, em problematização às lembranças sobre a escola e como conseguiram passar por esse ambiente.

5.1 Travesti de Bicicleta: buscando novos olhares

A pesquisa vai dialogar com a sociabilidade do interior e seus interesses na população Travesti/Trans, que abarca todas essas multidões que estão performando em múltiplas formas de gênero (BUTLER, 2003). Nas cidades do interior, as meninas são bem familiarizadas com a categoria travesti. Assim, como relatamos na minha justificativa, sobre Miracema ser um local de possível pesquisa, desenvolve-se o olhar para essas pessoas, a partir da experiência de ter visto uma Travesti aqui no interior,

andando de bicicleta. Essa cena talvez seja uma primeira inquietação sobre as realidades dessas meninas que têm pouco espaço para serem ouvidas e possivelmente vai guiar minha metodologia que de certa forma me ajuda a olhar de forma diferenciada. A partir dessa primeira cena, começo a perceber que as travestis do interior são pessoas que estão a todo o momento presentes no campo socialm seja na fila do banco, serviços públicos, seja passeando com família.

Então meu olhar vai à busca de quem fica no interior; são meninas e senhoras que geralmente não estão ligadas ao circuito de prostituição, não são seres noturnos. Então, conversando com alguns amigos, eles vão narrando histórias que ouviram das travestis e acabo encontrando trajetórias de vida, escola e família.

Uma das dificuldades é a abordagem pelo medo que essas relações passam, uma travesti no interior tem medo de algumas exposições, outras se orgulham de sua história e querem passar a imagem de que não sofrem, de que são bem aceitas e conquistaram a felicidade. Em algumas entrevistas em um primeiro contato, senti uma dificuldade de conseguir um material apropriado para minha dissertação. As meninas queriam falar sobre tudo, menos sobre a escola, que sabemos que não é um lugar muito amistoso. Também comecei a ouvir sobre suas ansiedades. Tudo que elas queriam relatar eu entendia como importante, e logo algumas falas sobre como era a escola foram saindo.

Tento me aproximar dos trabalhos etnográficos como metodologia e utilizo alguns recursos para direcionar minha visão e poder promover minha pesquisa. A “observação participante”, a qual não me isento em nenhum momento como processo de produção, constitui parte da pesquisa a todo momento, interrogando e ampliando o meu olhar das relações entre a pesquisa adotada e toda sua fragilidade perante a imensidão dessas histórias (PERLONGHER, 1988).

Sei que a pesquisa ou observação participante ocasiona um conjunto de incertezas e ambiguidades, gerando uma pesquisa cheia de ansiedades. Para um trabalho ter como a inspiração os recursos da etnografia, entende-se que é preciso estabelecer boas relações, o que implica em muitos cuidados estéticos e éticos para que a pesquisa tome forma.

A questão inicial em torno do trabalho etnográfico é a da leitura do contexto onde se busca resposta para a questão formulada no projeto de pesquisa. Os contatos iniciais dão a sensação de que tudo ali está desarrumado. E nenhuma experiência conjura tal sensação. Afinal, cada nova pesquisa encerra um problema novo. E só há sentido na pesquisa se for novo o problema. Eis o desafio e o grande prazer intelectual da aventura. A desorientação, a desarrumação vão sendo substituídas aos poucos pela lenta “arrumação” dos percursos, pelo que se vê, pelo que se ouve, pelo que se testemunha, pelas informações das entrevistas, pelas releituras do diário de campo, pela consulta a todo material escrito ou já publicado sobre o passado daquela população, daquele grupo, daquela sociedade (SILVA,2012 p.1).

Também é preciso ter paciência para que as pessoas comecem a se abrir. Em outros momentos é preciso retomar, pois é quase impossível dar conta de tudo. Então decidi que faríamos uma abordagem sobre três histórias com travesti de diferentes idades, valorizando os relatos escolares e também alguns fatos relevantes para a observação. Ainda em caráter inicial, deparo-me com fotografias, algo que nunca pensei encontrar. Muitas meninas querem conversar e mostrar o álbum de retrato, fotos de quando não teriam feito a transição.

Mostrando que travesti também tem uma história, as fotografias seriam uma demonstração que realmente aquele momento existiu, como se precisassem provar algo para validar as suas falas. Logo, vou entender o que está em jogo: o interesse de mostrar existência e valorizar aquele momento, onde alguém é capaz de ouvir as histórias. Em alguns momentos da pesquisa, achava muito importante ouvir e saber qual início elas dariam para sua história e quais fatos ressaltariam. Começo a conviver e marcar encontros com algumas em suas casas, onde sempre me convidam para um evento social (churrasco, aniversário e reunião de amigos) e passo a observar o ritmo da casa, sua religião e ocupações.

O interessante desse trabalho é que não posso prever muita coisa. Tudo depende de como esses relatos vão aparecendo. Apesar de estar em fase final e, ao mesmo tempo, preparando-me para a defesa, conheço as pessoas que fazem parte da minha pesquisa e tenho procurado encontrá-las em diferentes contextos, em festas, bares, academias e no jardim. Como já foi relatada, a travesti do interior não é um ser noturno, é possível encontrar tanto na feira, como no pagode do fim de semana.

Não existem restrições para minha observação, consigo ter acesso sempre que possível, isso torna a minha pesquisa de certa forma confortável, mas com muitas ansiedades. Não sinto as impossibilidades de escassa inserção no meio. Em cada história, a pesquisa foi bem aceita. A maior dificuldade era como utilizar todo esse mundo, considerando os sentimentos de intimidade e solidariedade presentes em meu trabalho como pesquisador.

Tenta-se lidar com o incoerente. Além da incoerência, investe-se aqui também no fragmentário. Cenas soltas vivências que se exprimem em si mesmas, que vivem em estado de desarticulação etnográfica o fragmento, como célula desse tecido esgarçado. As elipses nas falas, o contingente. Incoerente, fragmentado e mentiroso. A mentira no depoimento, na entrevista, no bate papo, na conversa com o freguês, como um dos recursos funcionais para criação dessa mulher que se persegue. Assim como tecidos, silicone, bijuterias e hormônios, também histórias de amor, de viagens e de infância são convocadas para a construção de uma mulher, que é corpo, que é uma forma de vestir, mas também uma cabeça (mentalidade) e uma história de vida (SILVA, 1993 p.146).

Vejo que é preciso, por muitas vezes, abandonar essa ideia totalizante de falar sobre várias formas de ser travesti numa cidade do interior. Preciso ter foco no recorte da minha pesquisa. Isso vai surgindo com tempo, pois as histórias vão surgindo em cada encontro. Uso o gravador, mesmo sabendo que as coisas mais interessantes são ditas fora das entrevistas, por isso, apelo para uma pesquisa que tenha possibilidades de entrevista/conversa.

Assim, o trabalho é também atravessado pela história oral que tem como base entrevista gravada e também outros tipos de registros, como documentos, fotografias, em que se levam em consideração as atividades antes mesmo das gravações, a saber essa visão do entorno de como a pesquisa move essas pessoas a falarem sobre suas vidas. Percebemos que alguma intimidade é alcançada, onde as histórias do cotidiano escolar são lembradas e movidas por sentimentos.

As entrevistas estão ligadas ao campo do afeto, que no início revelam a resistência por parte das entrevistadas, mas que, com o tempo, demonstram-se sentirem-se orgulhosas da sua própria história. Esses itinerários metodológicos nos ajudam a perceber que a vida e suas experiências são um grande exercício no campo da ciência, pois muitos aspectos são frágeis e perecíveis quando envolve pessoas, cujas possibilidades sempre foram interrompidas. Dentro de uma produção da história de

vidas percebemos nessas entrevistas que as fotografias aparecem como dispositivos para auxiliar no passado ou inventar o passado. Também sabemos a importância de descrever as histórias e sua capacidade de invenção ou formas de resistir (ALBUQUERQUE JR, 2007; CERTEAU, 1994).

Acredito na proposta da convivência e foi nesse momento que consigo eleger alguns períodos que vão contribuir de alguma forma para que o ensino e a escola sejam um espaço melhor. Toda semana passei a me reunir com algumas travestis. Isso foi potencializando minhas ideias e ajudando no direcionamento de meu pensamento. Vejo também as reações ligadas às entrevistas. No primeiro momento, ouvi sobre o que pretendia mostrar suas alegrias de terem conseguido uma casa; outra por ter casado; e na outra os significados religiosos muito presentes na vida. Começo um movimento de escutar as entrevistas e descrever alguns espaços significativos de encontro e lembranças. Nesse momento, sinto como a pesquisa pode ser cruel, devido à necessidade de se fazer escolhas para composição do recorte da presente pesquisa.

Assim me deparo com desafios de narrar e escutar essas grandes histórias, que irão ser apresentadas neste momento, passando por sentimentos de insegurança e vontade de proporcionar um lugar de histórias de resistências, que amplie o debate sobre gênero, educação e cidades pequenas.

6. TRÊS NARRATIVAS

A partir daqui se inicia, de fato, a entrevista com as três travestis do interior. Na voz delas é que narro suas trajetórias e conflitos dentro do contexto educativo, expondo as vivências no ambiente escolar e, também, no cotidiano. Dessa forma é que minha pesquisa busca fazer a problematização entre escolas e o ser travesti.

6.1 UMA TRAJETORIA INTERROMPIDA: TEM UMA TRAVESTI NA EJA

“Eu venci a escola...” - *Iara*



Figura 3: Iara recebendo seu primeiro livro na alfabetização. Fonte: álbum pessoal.

Recontar uma história é algo muito ligado à sedução, algo muito comum na construção de grandes personagens históricos, heróis, conquistadores e navegantes. Narrar a trajetória de alguém subalterno exige todo um processo de se envergar a história para que essas pessoas caibam, em um percurso que dê conta dessas possibilidades. Na verdade, o passado e a memória são altamente negados, e esse movimento, estimulado neste trabalho, é percebido como um espaço de vitória, credibilidade e de grandes trajetórias. Possivelmente, isso ainda gera alguns incômodos, por se tratar de um processo de deslegitimar a história tradicional e valorizar a presença do outro. Discursos fundadores produzem um efeito científico de verdades selecionadas (FOUCAULT, 2007).

Esses incômodos são frutos de um processo colonial doloroso que só enxergava o mundo através de possibilidades construídas a partir da narrativa dos vencedores/cientistas/acadêmico-europeus. Neste sentido, a história tão representativa é invocada, tendo uma grande dívida com a invisibilidade e a negação da existência pública de pessoas colocadas no âmbito da imaginação, exotificação e na margem. Então vamos perceber uma narrativa baseada nas possibilidades e também nas incoerências que permeia as múltiplas formas de permanecer “levando a vida” (KOFES, 2001). Sem grandes quadros teóricos, mas com riquezas baseadas na experiência e nos detalhes que o cotidiano pode oferecer.

Desta forma, buscamos iniciar aqui a narração das histórias de vida e trajetórias das entrevistadas desta pesquisa.

Em um bairro considerado na parte de conflitos e disputa de território, principalmente do tráfico de drogas, uma comunidade conhecida como “Bairro ou Morro da Jove”, é a pesquisa se inicia. As primeiras conversas são realizadas por meio da internet. Logo, a entrevistada precisava esperar-me no “pé do morro”, pois sou de um bairro, cujos domínios são diferentes. Marcamos minha primeira visita em uma casa cheia de bichos, faisão, cabrito, galinha e cachorro. Uma casa com cheiro de lavanda e muito encerada. Fui recebido com muita alegria, mas neste primeiro momento falar da escola era muito raro, percebi que o “não dito” também tinha sua importância e continuei as visitas. Logo fui percebendo alguns relatos e um interesse de poder contar

sobre sua vida e família, as dificuldades de uma travesti no interior, seu grande zelo religioso e o fascínio pelo carnaval.

Iara por ela mesma:

Sou uma pessoa segura hoje, aos 34 anos, que na verdade sou também o menino que sonha como menina e acorda como menino. A vida tem feito de mim muitas coisas. Sou cabeleireira, carnavalesca (triste que o carnaval acabou)... Governantes safados acabaram com a festa do pobre. Sou uma travesti petista, filiado no partido já alguns anos. Sou pai de santo e homem no candomblé, cuido dos meus filhos e luto pela minha comunidade. Hoje tenho mais segurança pra falar sobre esses assuntos. A escola não foi um lugar generoso, não me sentia por muitas vezes bem. Na verdade tem duas etapas na minha vida escolar. Risos... Tenho uma vida boa, sou muito feliz. Gosto de receber pessoas na minha casa, conversar, ter amigos. De um jeito ou do outro vou construindo minha história.

“Eu tenho muita história pra contar”.

Deixar pessoas de comunidades de cidades pequenas falar é um processo em crise, pois ainda temos depositado e acreditado que a “experiência” nos trabalhos acadêmicos é ainda uma área subalterna, por abrir espaço para que a vida venha antes da teoria, que o contexto histórico venha ilustrar as vozes da experiência, que o trabalho seja guiado por novos agenciamentos do ser, que “A crise de interpretação é nossa” como aponta o autor:

É provável que dentro da concepção de saberes dos profissionais e da população são iguais, esteja implícita a ideia de que saber popular mimetiza o dos profissionais. Se a referência para o saber é o profissional, tal postura dificulta a chegada do outro. Os saberes da população são elaborados sobre a experiência concreta, a partir das suas vivências, que são vividas de uma forma distinta daquela vivida pelo profissional. Nós oferecemos nosso saber porque pensamos que o da população é insuficiente e, por esta razão, inferior, quando na realidade é apenas diferente (VALLA,1996 p.179).

Considerar a possibilidade de uma travesti de uma cidade pequena, que reside em bairro visto como periférico, falando sobre educação, é de grande importância, por trazer por meio de histórias de seu cotidiano escolar toda uma trajetória. Desorganiza esse espaço como educação por propor novos lugares de aprendizagem, ou melhor, de desaprender o que foi extremamente imposto pela escola. Observa-se grande

necessidade de Iara contar muitas histórias, porque na verdade a própria escola nunca valorizou sua fala como emergência e como pessoa; sempre alguém estava ali para reproduzir histórias de sucessos, as quais esperavam, enquanto escola, o silêncio, não de todos, mas de quem não se sentia representado. Acreditamos na produção do conformismo na fala do outro, mas precisamos estar atentos aos sinais, à ironia, ao sorriso, as expressões, pois tudo isso pode dizer muita coisa. Ao relatar as suas trajetórias escolares deixo claro que crio um espaço para que a entrevista seja confortável e confesso que existe um limite muito grande para poder perceber todos os detalhes.

Vejo que falar sobre o contexto escolar e seu espaço traz algumas dificuldades para tecer argumentos de potência e resistência, mas aos poucos vou conseguindo algumas revelações sobre essa vida dentro dos muros das escolas. Percebemos em alguns depoimentos que são levantadas muitas falas contra as escolas e alguns momentos de lembranças boas. Na verdade, percebo que existe um passado, infância e magia, e, em algumas falas, percebo muitas emoções.

Era um menino da roça, a cidade grande para mim era Miracema, uma família numerosa com milhares de dificuldades. Para estudar era muito difícil, quase ninguém na minha casa completou os estudos e trabalha de carteira assinada. Lembro que precisava amarrar sacolas no meu pé para conseguir chegar à escola, no fundo acabava gostando que fizesse o laço da sacola para frente e me imaginava em um grande desfile, sempre gostei de ser notada. Por muitas vezes, eu vinha com um tio de charrete com alguns litros de leite que segurávamos para meu tio poder vender na rua [se refere ao centro da cidade]. As mochilas eram sempre ganhadas, eu adorava e fazia coleções de adesivo e papel de carta (risos)... Usava passar perfume nesse papel de carta para poder trocar os repetidos depois. Isso tudo acontecia na escola. Nessa época eu acreditava que a escola podia mudar minha vida e mediar meus sonhos. Mas tinha uma coisa estranha, mona, eu me sentia diferente e isso marcava tudo. Eu odiava aquelas brincadeiras extremamente agressivas dos meninos. Tinha uma mania de passar a mão na bunda do outro e bater. Eu entrava no banheiro masculino com medo... Era uma criança, esperava na porta e quando estava vazio eu usava o banheiro, pedia sempre a professora para poder ir uns 10 minutos antes do recreio porque depois aquilo lotava. Eu tinha muito medo e vergonha. Eu adorava colecionar e escutar

música e treinar coreografia. Tinha paixão pelo “É o tchan”, você lembra?! Comprava fita na “Pop Som” [Loja de discos e fitas], era cara porque lá só vendia fita da Basf que era a melhor marca de fita. Escutava a fita até embolar, adorava pedir música na rádio para minhas amigas da escola.

Essas histórias sempre foram um lugar de muita resistência, o contexto escolar vai aparecendo dentro de outras vivências, tinha um sentimento que a todo o momento a escola ia se afastando da história e se misturando com a vida, os desejos e os sonhos. Um movimento dentro de uma narrativa que era possível evidenciar fatos que passariam despercebidos. Um dos aspectos era a percepção de que a cidade seria aquilo que a maioria das pessoas veem como um lugar camponês, a própria sede a qual seria Miracema- RJ. Interessante é perceber como essas dicotomias também permeiam as pessoas que residem aqui. Miracema seria a cidade e seus distritos e lugarejos seriam vistos como um lugar sem muita prosperidade econômica, um local menor, um pensamento que também acontece com pessoas que foram para cidade grande e acreditam que todo o município de Miracema é uma localidade rural. Um reforço ao binarismo cidade/campo.

Outro fato interessante nessa fala seria o uso da sacola com o laço para frente, fato que demonstra como o ser humano é capaz de inventar seu cotidiano, sendo ele o grande autor da sua própria experiência, fazendo usos de “táticas” para se favorecer diante de dificuldades econômicas e sociais. Sabemos que quando há muita chuva em estradas rurais as mesmas se tornam um mar de lama e, para chegar à escola, era preciso encapar o sapato. É interessante que, mesmo concordando com essa necessidade, adequou sua sacola àquilo que desejava, como uma possível aproximação do gênero que atualmente se apresenta, evidenciando como a visão do ser humano e sua criatividade estão intimamente ligadas a sua proposta de gênero pública. *“Era famoso na roça por ter a sacola amarrada de forma diferente”*. As pessoas ali já procuravam polemizar e identificar categorias. O menino já era rotulado pelo simples fato de usar a sua invenção de forma diferenciada. Aquela invenção tinha um propósito de acordo com as pessoas, na verdade, estavam questionando o direito de se construir sua realidade, superar as dificuldades com originalidade.

“Minha trajetória escolar é normal, tem nada de precioso. Acho interessante você... querer escrever sobre isso.” Talvez esta frase é a que mais apareça em toda entrevista, Iara não se sentia importante porque a própria história constrói personagens de importância, e na história não existe um lugar que demonstre aproximação entre pessoas e personagens históricos. O interessante é pensar que existe toda uma negação do cotidiano desses personagens, tirando características didáticas da sua existência e a própria aproximação das pessoas, tendo sempre como sentido a figura sem fragilidades, dificuldades, com uma vida baseada em heroísmo. Isso acontece também sobre como os relatos da própria história chegam ao contexto escolar e são reproduzidas, tendo como didática e prática de ensino o factual, o silêncio e a importância. Sendo a história da humanidade um espaço colonizador em seus demasiados discursos, a tal ponto que a maioria dos humanos não se identifica com o que seria a própria história da humanidade. Percebemos aqui um espaço difícil de identificação onde existe uma sensação que essa história não pertence a todos em seu percurso, e que outras pessoas não são bem-vindas. Um bom personagem histórico deveria conter aspectos civilizatórios e pessoas subalternas/marginais/rurais não deveriam ter espaços, pois a história estaria a serviço de uma continuidade/ evolução, de um projeto que obedecesse somente à razão e à lógica. Essa percepção da história ligada à “Civilização”, no seu amplo projeto de modernidade com influência do capitalismo industrial, renegou o passado das pessoas ao residual, projetando no imaginário e na própria mentalidade que o moderno não teria espaço para o campo/periferias/favelas, onde esses espaços ficaram “sem lugar”, como um resto urbano (MARTINS, 2008).

Assim toda pessoa que não faz parte desses moldes, que não tinha uma vida considerada moderna, ligada ao projeto de progresso, era colocada junto às suas memórias na descaracterização e na inovação de falta de importância na sua fala e vivências. Só que a história é vida, e decifrada no cotidiano. Sendo esse cotidiano o lugar de emancipação, mediado por grandes atores sociais, possui amplo campo dimensional. Através desse exercício, podemos perceber a vida, gênero e as conexões de outro lado. Não empobrecendo o cotidiano como um lugar de privacidade ligado a “usos e costumes”, o cotidiano é a própria vida, não uma pequena face da história ou um jeito de produzir (MARTINS, 2008). Aqui, percebemos que o trabalho também é um grande exercício de valorizar a experiência, o cotidiano e essas falas ligadas às pessoas

simples de uma cidade altamente tímida, sendo considerada a “Princesinha do Norte” no mapa do estado. Precisamos exercer e atuar na valorização desse lugar altamente consumido pela história e valorizar a história local, que está ligada à memória de pessoas travestis de pequenos lugares.

Era ainda um menino, hoje sou um homem ou mulher nem sei o que sou. Sei que gosto de mim dessa forma. Lembro de algumas situações engraçadas (risos), o que mais me incomodava era alguns olhares, eu sempre viada na vida, toda serelepe andava quase saltitando (risos). Isso atraía alguns olhares, principalmente das professoras, que ficavam me vigiando, acompanhando o meu olhar. Do nada um grito: “senta direito, não olha para trás, descruza essas pernas, você não é menina”. Com o tempo essas frases vão aos poucos nos cansando e depois acabava explodindo. Chegava à fila da merenda sempre preferia ser a última, tinha uma cortação de fila... [seria passar na frente ou “furar” a fila] (pensando) eu igual uma palhaça, vendo os meninos passarem na minha frente. Eu ficava de saco cheio de aguentar tudo, os meninos sempre em bando fazendo chacota e quando estavam sozinhos queria “graça” [Referente ao sexo].

Os olhares sempre são movidos pelo sentimento de fraude e enganos no âmbito escolar, principalmente tendo como objetivo afirmar que esse sujeito foi altamente induzido e foi em outro lugar que aprendeu a se comportar daquele jeito. A escola percebe, de maneira extremamente desconfiada, em um primeiro momento, comportamentos que não vão caber naquilo que está dentro do projeto de escola. Vendo sempre os modos de vidas como algo que todos devem seguir de maneira igual, sem fugir as regras e objetivos educacionais, sendo tudo visto como arriscado. “*Não chegue perto dessa bicha e nunca brinque com meninas*” são exemplos de frases que revelam a existência de um medo do contato com as diferenças que realmente aparece sempre no contexto escolar, porque a sexualidade dentro desse projeto de escola moderna tem como base a disciplina dos corpos, não aceitando as propriedades de fluidez e inconstância. “*Eu sempre era a errada, seu reagisse era errado... na verdade fiquei sozinha sem saber o que fazer*”. Os casos de violência contra meninas Travesti/Trans no contexto escolar são muito grandes, segundo os depoimentos das entrevistadas.

“Quando comecei a me transformar tive que abandonar a escola, pois era muita coisa acontecendo comigo ao mesmo tempo. Muitas ficaram na escola como bicha-boy⁴, assim que formava... quando a bicha começava a deixar o cabelo e unha crescer, a partir desse momento ninguém tinha mais paz.”

Muitas meninas em processo de transição veem o abandono escolar como natural, visto que o contexto escolar não protege seu corpo e suas novas adequações (BENTO, 2006). Desde muito cedo se sentem ameaças por abusos sexuais geralmente coletivos, há muitos relatos de abusos no banheiro ou na hora da saída escolar. São obrigadas por muitas vezes a manter relações sexuais com parceiros que acabam reproduzindo violência física. Esses segredos sobre a vivência no contexto escolar nunca serão levados aos pais e nem mesmo à direção escolar, que vão acusar que a diferença reside no seu corpo, que os levam ao despertar de desejos incontroláveis. Observamos isso no relato descrito abaixo por Benedetti (2005, p. 66):

“Eu acho que o hormônio na vida da travesti é a feminilidade toda, tudo tá ligado ao hormônio. Inclusive têm amigas minhas que quando vão à farmácia comprar hormônios elas costumam colocar assim, ó: ‘- Eu vou comprar beleza’.; porque hormônio é realmente a beleza na vida da travesti. Ele ajuda na pele, que fica mais macia (...), inibiu o crescimento de pêlos, desenvolveu glândula mamária, entendeu e arredondou formas, e até a expressão do olhar de quem tomou hormônio é diferente (...)

Em algumas entrevistas o uso do hormônio também é usado para justificar a falta de paciência para estar no contexto escolar, é como se o hormônio fosse responsável por queimar uma etapa. A partir da primeira cartela, era deixado para trás qualquer ensaio com as vivências masculinas. Era feita uma espécie de treinamento para se tornar uma mulher, assim elaborando códigos femininos que promoveriam a futura travesti a representar essa ideia de novo, um novo feminino (SILVA, 1993). Existe um conjunto de estudos, principalmente no Brasil, que estudam “O que seria uma travesti?” e seu recorte que aponta uma direção para classe social, que pode ajudar para interpretação desses corpos extremamente discordantes que inventaram modos de vidas em cidades pequenas.

⁴Segundo Pelúcio(2005), é quando ainda se é “gayzinho”, ou seja, já se assumiu a orientação sexual, porém ainda não se caracteriza simbolicamente com o vestuário femininas e por uso de hormônios.

“Viado eu me sentia incomodada de ir para escola, pois eu teria que estar montada sempre, visto que já tinha começado com os hormônios. Assumir a mulher que eu queria ser. Teria que estar com pele feita, tirar a barba toda na pinça, tava ainda me acostumando... não era ainda uma travesti completa”

“Tomei hormônio, ficava nervosa, não conseguia ficar resistente, estável... era todo dia no feminino e não aguentava. Tinha dia que estava com preguiça e mesmo tentando ser travesti eu me sentia cansado. A barba (Chuchu)⁵ começa a gritar e crescer e tal... então ficava sem vontade de ir à escola”.

Muitas travestis abandonam a escola para poder se hormonizar e adequar seu corpo para vida, visto que a escola e a família não acolhem e preferem viver longe de toda essa transição (BENEDETTI, 2005; PELUCIO, 2005). Essa busca de proximidade com o corpo feminino vai envolver muitos riscos, um processo comum usando hormônios oriundos de anticoncepcionais conseguidos por outras travestis. Assim começa o ritual da escola da vida a tomar o espaço da escolarização. A escola continua produzindo pessoas que “não cabem”. A produção educacional não livrou a escola de ser um espaço segregativo e preconceituoso.

(...) muitos homens que foram violentados sexualmente por outros homens mais velhos acabam por reproduzir esta forma particular de abuso. É como se eles se repetissem: já que eu passei por isso, que ele também passe. E o abuso, além dos benefícios que traz, é também uma forma de exorcismo, uma conjuração da desgraça vivida anteriormente. Depois, ao longo dos anos, quando a lembrança da dor e a humilhação se estancam um pouco como uma conta bancária que tem sido aberta por imposição, onde outros abusos perpetrados representariam os juros que o homem acusado vem cobrar. (WELZER-LANG. 2001. pág.461)

A travesti iniciante que logo na frente vai receber da escola o diagnóstico/rótulo de inadequada/discordante, sendo sancionados alguns direitos básicos, não tem direito a afetividade, não tem direito a participar da vida escolar ou representar a escola em desfile escolar, formaturas e outros eventos sociais.

⁵Segundo Pelúcio (2005), “fazer o chuchu” é tirar a barba, o que pode ser feito com tratamentos estéticos em clínicas especializadas (*laser*, *eletrólise*) ou mesmo com lâmina – prática malvista, pois remete a uma *performance* corporal masculina, além de denotar preguiça e falta de determinação; pinçar os pelos do rosto, desenhar sobrancelhas, alourar pelos do corpo.

“Eles não deixavam beijar na boca”. A menina em transição é obrigada no contexto escolar a usar o banheiro masculino tornando seu corpo vulnerável as múltiplas chacotas sexuais e emocionais. A travesti precisa se render ao ritual para construir sua própria feminilidade, sendo desafiada a todo o momento a aguentar múltiplos parceiros. Assim, a escola tradicional, cheia de rituais e didáticas demarcados, começa a construir e a empurrar a travesti para qualquer lugar.

Entendo que as travestis têm papel social muito grandioso frente à escola, elas denunciam no seu corpo um processo de “redenção” limitado e de como as instituições sociais não dão outra chance para vencer a batalha da vida. Desde muito cedo a menina em transição elege a calçada, o bar e os riscos como um lugar para garantir a sobrevivência. O corpo subalterno é um corpo público que a todo o momento conta com o aval da norma, a qual nunca está livre de opiniões.

Diferente de um corpo dentro dos padrões que sempre recebe elogios para que ocorra a manutenção desse corpo e suas características físicas. Um corpo subalternizado se torna alvo de controle, ajuste e recebe uma chamada às modificações/correções. Trata-se de algo recorrente com as mulheres em relação ao aborto ou com pessoas gordas em relação ao seu peso. São corpos públicos para sofrer. Isso é altamente percebido com as travestis nesse contexto das cidades pequenas, onde tentam escapar do sistema patológico, religioso e da ilegalidade. São múltiplos contextos e pressões, pois pretendem entender o mundo a partir de noções binárias, que só estarão no mundo quando é compreendido como homem ou mulher. Existem outras possibilidades de estar no mundo? Dentro dessas possibilidades como é pensada a afetividade de pessoas travestis? A partir da travesti é possível pensar a escola?

“Depois que passou minha infância... é. Hum... No início da adolescência eu começo a me identificar com desejo de me aproximar do que era feminino, mas me sentia muito vigiada. Se um menino fosse andar comigo era considerado viado pelos os outros. Eles só conversavam comigo se estivessem em grupo. Para não ficar sozinho eu procurava as meninas. Isso, eu era viado sem saber, porque quem andava com menina já viu era bichinha, viadinho, mariquinha...”

Muitos aspectos na vida social de uma travesti ou em processo de transição acarretam uma trajetória muito solitária. Quando em algum momento da entrevista

pergunto sobre alguma amizade no contexto escolar, vejo dificuldades de nomear, não aparecem nomes nessa história, tudo muito usado no plural “As meninas/ Os meninos”, logo percebemos certo nível de confusão em alguns relatos. Vejo em algumas falas um pouco de incômodo de lembrar a solidão, ainda na condição anterior da construção de uma travesti. Depois de se tornar travesti existe uma força maior para vencer o contexto escolar, quando conto a história a partir de Iara vejo algumas negociações que quebram os silenciamentos. Ela atribui força nesse feminino construído e inventado (SILVA, 1993). A história começa a ganhar outras cores, valores e estimas, era como se Iara gostasse de sua história a partir de outras partes, que talvez não fossem o objetivo primordial do meu trabalho. Isso é muito representativo neste estudo.

Percebemos que existe sentimento na sua própria história, que ora se confunde com desabafo, desespero, ora também com expectativa. Sabendo que a história de Iara não é parte de uma ideia hegemônica de um lugar apto, auto-natural e visto como bem-sucedida, porque partimos desses pressupostos históricos que determinam “configurações culturais de gênero enunciam o lugar do autêntico, real e legítimo”.

Não sendo uma história contada por heterossexuais que ditam os repertórios de gênero (BUTLER, 2003 p.58-59). É uma história de desvios, sustos e lacunas que não tem como objetivo formar uma narrativa heróica, mas uma narrativa da vida com conexões, intermediada pela existência de possibilidades e maneiras de negociar com os padrões hegemônicos de normalidade, que passam a serem vivenciados às avessas, propiciando uma leitura desse lugar pouco mencionado enquanto cidades pequenas e contextos interioranos, criando novas possibilidades de sujeitos e múltiplas moralidades (GONTIJO, 2012; 2014).

“Em alguns momentos desses começamos a nos encontrar no jardim todas as bichas com 15 anos de idade, dali começamos a nos ajudar por um lado. Porque na verdade tudo era viado, não importando se você fosse travesti e tal. Na cabeça era tudo viado, tipo o lixo do mundo. E dentro desses espaços começamos a competir quem era mais feminina, aí começa os primeiros hormônios, os primeiros casos com os homens casados. Disso tudo que vai acontecendo fui me distanciando da escola, pois não aguentava mais. Por fim, a escola tinha dois andares, eu era cuspidada, só que não contava para ninguém, se chegava chorando em casa apanhava. Na escola não podia

contar para ninguém, porque até os professores falavam ou jogava algumas piadas. Era tipo, esse menino é muito educado só anda com menina”.

Por diversas vezes minha mãe ia à escola e recebia reclamação dos professores, porque eu andava com meninas, era diferente. Tinha boas notas, até no meu caderno, sempre tive uma letra bonita...

Na verdade parece que tudo marca esse contexto. É como se só mulher tivesse identidade. O gay, o negro e a travesti e todo comportamento fosse um sinal que essa identidade viria à tona. Os pais são sempre avisados na escola quando algum comportamento foge daquilo que é previsto para o seu gênero. O pai do menino que brigou, até pode vir a ser chamado, mas depende de em que ele bateu, porque bater sempre foi coisa de menino que por vezes gera certo orgulho da família, que sempre estimula a criança a não dar trégua. Fica estimulando com naturalidade marcas e dispositivos de masculinidade, que proibem apanhar. O pai da criança agredida tende a se sentir constrangido socialmente e produz uma espécie de pressão no filho: se apanhou, deve bater. Instauram-se, assim, formatos de virilidade promovidos pela intolerância ao outro. O alvo mais fraco da escola consequentemente é a criança viada ou em fase de transição que busca na existência algo que complemente a sua vida. Isso torna o campo escolar um lugar propício para reprodução e estímulo ao ódio sobre as pessoas que transbordam a norma.

O outro não tem identidade porque são associados à natureza; os que são discordantes é como se fossem uma construção artificial, e a referência mais segura desses corpos no contexto escolar seria a identidade sexual. Por exemplo, ter caderno com adesivos, letra bonita não é sinal de masculinidade (LOURO, 2015).

“Os professores me chamavam atenção por ser educado... Talvez não fosse educado... Na verdade tinha medo de assumir coisas que mal conhecia. Então ficava calado e, como deboche, o professor usava meu silêncio como forma de dizer que eu era viado por não responder ele”.

Sinto nesta parte da entrevista o tamanho da complexidade que envolve o cotidiano escolar e suas dificuldades de promover um espaço coerente, em que as multiplicidades dos corpos sejam evidenciadas como um fator positivo, que em contato com o universo de pessoas é importante para formação. Vemos que, pelo contrário, há

argumentos silenciados; não é porque uma travesti entende o espaço escolar como algo bom que existam algumas dessas experiências que a escola não é responsável na formação de uma sociedade “Travestifóbica”.

A escola produz os fracassos e outras sensações negativas nesse corpo. Em cidades pequenas sabemos que não existe uma representatividade para essas minorias, que possa expandir sua afetividade, amizade e contato. Ainda hoje os espaços para discussões sobre gênero e também o transfeminismo não alcançam os pequenos lugares, pessoas que seriam beneficiadas com esse contato que oferece possibilidades teóricas para ajuda na vida.

Iara relata as suas memórias, na maioria das vezes, no masculino. Quando começa a relatar sua volta para escola se refere com frequência ao feminino. É interessante ressaltar que sempre existiu uma dificuldade de acionar essas memórias escolares, como se não fosse um assunto de grande interesse. Em alguns momentos, há vontade por parte da entrevistada de censurar algumas partes “*Não coloca isso*”. Até Iara ter confiança e começar se abrir foi um longo processo. Acreditava na possibilidade de não ter nada de importante a ser relatado, principalmente, na primeira parte em que ainda se via como menino até a saída da escola e depois o retorno. Ao mesmo tempo se sentia feliz por ser entrevistada e algum tipo de ciúme, pois sabia que esse trabalho iria contar outras histórias.

Todo esse trajeto realizado foi muito interessante, pois, por intermédio das muitas histórias, percebem-se outras pessoas, suas necessidades e suas carências. Iara era uma travesti que não gostava de ficar sozinha, sua casa nunca estava com poucas pessoas. Na verdade, nunca sei quantos membros moravam naquela casa, pois ela abrigou muitos, principalmente as “*novatas*”. Há uma menina, que é considerada como filha, o marido e, no mínimo, outras cinco pessoas que vão à sua casa diariamente. Tenho a sensação de que tudo é motivo para comemorar e inventar felicidade. Iara sempre está feliz, querendo tomar sua cerveja, tem orgulho das possibilidades e adora sorrir e cantar samba-enredo. Foi uma grande experiência ouvir essa história de uma mulher travesti na sua casa, essa possibilidade deu outra forma ao meu trabalho e a minha visão de mundo.

6.1.1 TRAVESTINDO PARA ESCOLA: QUANDO SE VOLTA MENINA

Antes de começar a relatar os conteúdos das entrevistas é importante ressaltar que nenhuma das entrevistadas seguiu, principalmente nessa história, uma linha pontual e lógica em relação às lembranças. A todo o momento se referiam ao contexto na figura do masculino, diziam por demasiadas vezes que no início eram zelosas com feminino, mas com passar do tempo, em alguns casos, sentiam a necessidade de ser livre. Iara afirmava que, por muito tempo, treinou trejeitos femininos, mas nunca conseguiu ser muito fiel no treinamento. Sentia que moravam outras possibilidades na figura de Iara *“mora em mim duas pessoas: um homem e uma mulher”*.

Iara abandonou a escola antes de completar o primeiro ano do ensino médio. Iria se formar aos 17 anos, caso tivesse continuado. Conseguiu terminar o ensino médio aos 27 anos, no ano de 2014. Percebo que essa parte envolve muitos sentimentos. Sinto que é a parte que Iara se sente mais orgulhosa de descrever. Quando voltou para escola, revela que era *“Uma vilã de novela, já era raspada no santo... ninguém zoa com uma pessoa pronta. Voltei por isso, estava pronta para pegar meu tempo que foi perdido de volta”*. Iara conta essa parte com muito entusiasmo e alegria; dedica-se a explicar e pensar como a vida talvez seja cruel para um travesti, *“Eu sei o que passei para não enlouquecer, para resistir às drogas, a prostituição e as dificuldades, nunca quis me tornar uma travesti mafiosa, do crack, eu queria ser respeitada, somente isso, queria ser feliz aonde sou hoje, no meu lugar, na minha cidade, na minha casa. Não nesse mundo que me odeia por eu ser eu”*.

Ela relata ainda que no dia que voltou para escola já tinha se transformado, colocado silicone, o famoso (Barra 1000)⁶, do qual afirma sempre se arrepender. Fez sua bombação na cidade de Macaé com uma travesti muito famosa *“sou filha da Fulana do corte”*⁷, ela foi minha mãe. Relata que era muita dor e hoje tem muito medo, porque pessoas muito próximas acabaram morrendo, e isso poderia ter acontecido com ela. *“Eu fui para escola de decote (risos)... Na primeira piada eu disse: vim aqui para estudar,*

⁶Silicone industrial utilizado para “bombar” o corpo, de acordo com as travestis. Ainda existe, como relatado nas entrevistas, o silicone tipo 350, que é mais líquido e mais barato, que auxilia na passagem do Barra 1000, que vem a ser mais grosso, porém apresenta na sua utilização um risco ainda maior para a saúde das travestis.

⁷Segundo Pelúcio(2005) as “bombadeiras” são as travestis responsáveis pelas técnicas de colocar silicone industrial no corpo. “Desde então, são as bombadeiras que injetam silicone líquido no corpo das travestis. As bombadeiras são na sua imensa maioria travestis também. Cabe a elas ‘fazer o corpo’ através da inoculação desse líquido denso e viscoso, usado como óleo para lubrificar máquinas no corpo de suas clientes.

se fosse para dar o cu tava na rua... (responde dando gargalhadas). Naquele momento eu sinto que alguns olhares começaram a entender que eu estava voltando para pegar o que era meu, que essa mesma escola me roubou... que era meu direito de estudar e de sonhar”.

Iara disse que não sentia dificuldade nenhuma, que tinha um aluno surdo, com o qual era a única que se comunicava, bem como o ajudava. Disse que as escolas não estão preparadas para atender a necessidade de ninguém, que apesar de não ter nenhuma dificuldade de aprendizagem, sabia que alguns olhares eram de insatisfação e que não tinha mais medo daquelas pessoas. Também se sentia conhecida pelo carnaval, pois foi carnavalesca da Escola Império da Jove, bairro onde reside. Isso trazia certo conforto, visto que *“eles sabiam que tinha disposição, seu fosse provocada eu iria responder, e se o problema fosse grande tinha gente para entrar na briga”.*

Iara afirma que passou o tempo de voltar para casa chorando, que isso tinha ficado no passado, que ela tinha um objetivo e que podia mostrar que seu destino foi bastante diferente do esperado pela sociedade ou pela escola. Logo, ela se lembra desse momento, mas também volta alguns meses antes de sair da escola.

“Tinha um professor que era viado enrustido, então, mona, eu tava começando ir de calcinha na escola, aí mostrei a fita da calcinha para uma amiga, o professor reparou, e virou para mim dizendo: E aí Zé Mulher?(referente um personagem da novela Chica da Silva), era aula de Biologia, sobe na mesa e mostra a calcinha para sua turma... Bicha fui na mesma hora e abaixei. Todo mundo ficou chocada,naquele dia me senti vingada. Ele enquanto professor foi diretamente na diretora da escola contar para ela. Eu fiquei fria, porque ela era o bicho (risos), alguém viu e me avisou, fui correndo no banheiro, eu troquei a calcinha por uma branca, naquela época eu levava todas as calcinhas comigo com medo da minha mãe pegar (risos). Quando ela me chamou, virou para mim e perguntou... Fulano,(usando meu nome masculino), o professor tal veio aqui reclamar que você está mostrando a calcinha vermelha dentro da sala de aula (risos). Eu fria (risos): olha não sei o que esse professor quer comigo só sei que não estou de calcinha vermelha e muito menos mostrando para alguém. Olha diretora, abaixei a roupa novamente, minha calcinha é branca. Ela tomou um susto fez um sinal da cruz e disse pode ir embora (risos). Nunca mais fizeram graça com a minha cara”.

Quando Iara se prepara para contar a parte mais importante que ela estima e toda sua relação com a escola, lembra-se de outros momentos ainda no início de toda sua transformação e depois começa a falar da infância e mostra seu álbum de formatura “*Eu venci a escola, vou te contar sobre esse dia*”.



Figura 4: Iara em sua formatura, como oradora da turma, em 2014. Fonte: Álbum pessoal.

“Toda formatura tem suas reuniões e tal, para escolher o orador da turma... O povo da EJA formava tudo numa mesma cerimônia, então, eram bastante aluno. Acabei recebendo um roteiro da formatura e tal, com meu nome em masculino. Perguntei o diretor para ele olhar para minha roupa, se eu tinha cara de homem ou viado. Afirmei para eles: nem ousem me chamar lá na frente por esse nome e outra coisa, eu vou ser a oradora, vou linda no meu vestido. E foi isso que ocorreu, fui a primeira travesti a se formar de vestido na minha cidade, tava com um vestido amarelo linda, peguei um sol e preparei meu discurso sobre as dificuldades das diferenças na escola, falei dos surdos, falei sobre mim, abri meu coração, e naquele momento encerrei toda minha mágoa com a escola. Apesar de ter sido julgada, olhada, construí o meu respeito e nessa luta apesar de demorar 10 anos para voltar, eu saí vitoriosa. Muitas formaram, isso é claro, mas nunca de vestido amarelo e com sorriso no rosto com minha família ao lado” ...

6.2. UMA TRAJETÓRIA ORDINÁRIA: SENDO TRAVESTI NOIVA, MISS E ALUNA



Figura 5: Bianca em seu casamento assinando sua certidão, em 1978. Fonte: álbum pessoal.

Essa trajetória tem muita riqueza e grandes contribuições. Não seria uma trajetória “extraordinária ou excepcional”. Na verdade, tem outro papel a cumprir, principalmente no debate, para mostrar que contextos interioranos têm uma função importante na contribuição dos estudos de gênero e na educação, visto que a produção e interesse sobre esses temas são altamente ausentes e baseados em silenciamentos, tanto na agenda de estudos rurais ou em outros contextos interioranos e periféricos, como também na agenda de gênero que tem a maioria dos seus estudos ligados a grandes centros (GONTIJO, 2012; 2014). Os estudos estariam envolvidos com outras questões, tradicionalmente a questões econômicas ou destaque de personagens políticos, desastres ecológicos, entre outros estudos. Enquanto a ligação entre cidades pequenas e gênero tem sido um lugar ainda pouco explorado, precisamos evidenciar que as cidades pequenas se promovem como em um “nível local de resistência” na tentativa de promover reflexões e contribuições (LAURETIS, 1994:229).

Percebendo, assim, que o interior tem seus próprios dispositivos de gênero e suas negociações ou exortações, tendo no seu contexto “cidades pequenas”, suas próprias histórias e modelos contra-hegemônicos, não sendo uma herança da capital os demais comportamentos apresentados. Essa trajetória escolar, que tem como objetivo uma trajetória de vida, criou seus favoráveis caminhos, independente das referências acadêmicas ou das cidades maiores. Pensar o interior como produtor de história é uma possibilidade que precisa ser enxergada através de uma história “Ordinária”.

Assim, concluem-se as pesquisas bibliográficas realizadas até o momento percebendo que, no que diz respeito aos estudos rurais, parece que a maior parte dos artigos e textos analisados estão ora voltados para a organização social vinculadas aos aspectos econômicos da vida no campo, ora voltados para as questões morais relativas à família e aos arranjos familiares camponeses – o gênero aparece quase sempre na forma da mulher trabalhadora e/ou militante ou dos papéis familiares (GONTIJO, 2015, p.32).

Como afirma o autor acima, existe uma articulação entre ruralidade/localidade, sempre enfatizando a condição da mulher camponesa. Seria como se esses contextos, que estão fora de grandes centros, fossem colocados em outras prioridades, não valorizando suas vivências, acreditando que a sexualidade ou até mesmo suas expressões estão direcionadas somente para manutenção da família, que o sexo dentro do contexto da fantasia seria somente experimentado em cidades maiores. A

sexualidade (a)parece relegada à vida urbano-civilizada como um “indivisível” das sociedades camponesas (GONTIJO, 2015, p.32).

Na verdade, podemos perceber alguns aspectos sobre realidades interioranas, em que muitos afirmam que sexualidade assim como as possibilidades de gênero seriam um detalhe, relegado ao segundo plano que os estudos dos centros com grande população dariam conta das relações ou marcadores de gêneros. A cidade grande já teria formado esse pensamento colonizador sobre as pessoas que governariam essas cidades como se as cidades pequenas fossem uma cópia malfeita da metrópole. A todo o momento, as pessoas querem se aproximar deste modelo. Morar na cidade grande e se sentir moderno, próspero e bem-sucedido; morar no interior está ligado ao insucesso, ao cafona, como não existissem possibilidades, uma vez que as pessoas se acomodaram e ali ficaram por não ter opção e nem expectativa de vida, porque a verdadeira vida se constrói ao entorno de um grande centro.

Essa história vai levantar algumas conexões por se tratar de uma travesti “*Das Antigas*” (nas palavras da própria), propondo um modelo de vida e percepção bem diferenciado do atual. Aqui relataremos a história de uma travesti já se aproximando dos 67 anos, com toda sua trajetória de vida construída em uma pequena cidade. O interessante é que hoje ela tem uma sensação que a cidade cresceu e evoluiu porque na sua época a cidade era realmente muito pequena. Nascida em Miracema no dia 4 de junho de 1951, nossa entrevistada sempre residiu na mesma cidade, é muito conhecida pela população local e suas histórias permeiam o imaginário social, por todos os fatos marcantes da sua trajetória de vida, conforme veremos a seguir.

Com os olhos azuis e uma voz bastante fina, encontro muitas vezes com essa senhora cuidando do Jardim de Miracema, com os cabelos amarrados e sempre com muita delicadeza. Bianca tem grandes histórias. Na verdade, é conhecida pelo nome masculino no diminutivo, mesmo nome da sua loja de flores e de decoração. Ali foi nosso primeiro encontro, a partir do qual contou muitas histórias de amigas perdidas, desafetos e paixões proibidas, um tempo contado com muita saudade. Também aos poucos começa a relacionar as dificuldades dos dias atuais e as fragilidades de ser uma travesti no interior.

A escola é um assunto com mais resistência para a entrevistada, pois queria falar sobre coisas que a faziam se sentir valorizada, por isso, nesta entrevista, muita coisa ligada ao contexto escolar desaparece; as perguntas não fazem sentidos, na verdade, as hipóteses começam a se dissolver.

Essa dificuldade de alcançar o tema proposto para a entrevista me fez perceber o campo de pesquisa como algo altamente sinuoso, cheios de questões que precisamos saber direcionar. Também não podemos deixar de admitir como essas pessoas trazem uma sensação de fascínio, que em alguns momentos nos hipnotiza pela força de suas trajetórias. As declarações de Bianca são altamente marcantes e um grande momento de (des)aprendizagem, porque desmontamos pensamentos/caminhos e convicções, na verdade, não governamos. As falas nas entrevistas não são ensaiadas; somos colocados em sensações reais das dificuldades e do sofrimento e depois somos consolados por histórias de vitórias, às vezes pequenas, do ponto de vista de quem ouve, porém, para quem fala a sensação é envolver, seduzir e mostrar que aquele lugar e seu caminho foram difíceis, mas valeu a pena pela sensação de sucesso.

“Eu acabei lendo um romance e comecei a me sentir parecida com a personagem, naquela época não tinha internet, era tudo no rádio. Nossa, a televisão demorou chegar... o rádio tinha algumas novelas e também muito anúncio da Miss Brasil, eu era muito diferente do mundo então (risos)... encontrava nisso um lugarzinho.”

Observamos uma sensação ligada ao desejo que entrevistada tem sobre falar do passado de duas formas: uma seria o sentimento de saudade, em outros momentos, sinto certo desespero por acreditar que hoje as pessoas estariam se beneficiando de uma liberdade maior. Uma sensação promovida e conduzida por sentimentos meio confusos com um pouco de fantasia. Na entrevista conduzida pela pesquisa percebo momentos de queixas, principalmente dos sinais da velhice que ao mesmo tempo é justificada por uma juventude que conseguiu realizar seus sonhos.



Figura 6: Bianca no Miss Gay Brasil , em Juiz de Fora. Fonte: álbum pessoal.

“Meu grande sonho era ser miss... eu conquistei tudo na minha vida, desfilei para muitas pessoas, representei minha cidade.”

Em toda construção do trabalho é um grande exercício do ouvir, e nesses primeiros contatos pude perceber que ela queria trazer em sua trajetória uma superação para seu estado atual, em que sempre afirmava que não era mais tão vaidosa e que com a idade foi parando de exercer rituais comuns entre as travestis, que não se sentia cortejada.

“Usávamos muita pintura no início, ficava feio (risos)... com o tempo conseguíamos quebrar o rosto, era uma dedicação e investimento no truque da maquiagem... era de ficar com braço dolorido para se sair mulher [Referente à Maquiagem].”

Nesses relatos percebemos a importância da maquiagem antes mesmo do uso de marcadores definitivos, como os hormônios e o uso do silicone industrial. Bianca fala de uma beleza construída e atribui parte dessa *“lindeza ou pele de pêssego”* ao uso da maquiagem.

Da mesma forma, o autor Benedetti (2005) nos dá algumas pistas sobre como esse uso da maquiagem tinha sua importância. *“Quebrar o rosto”* seria uma expressão

usada para valorizar os contornos, trazer o feminino para um rosto que por muito tempo foi interpretado como masculino. É como reformar uma casa, precisa ser quebrada e manipulada para se atribuir um perfil novo. Esse rosto queria trazer novidades e também desequilíbrio para uma sociedade que não acredita na alternância, disfarce e mistério ligados aos papéis de gênero, pois isso era identificado para Bianca como as primeiras formas de estar relacionada ao feminino, então ela passa a atribuir e diferenciar na sua maquiagem e das meninas que iriam para prostituição ou até mesmo fazer show.

“A maquiagem para pista era muito forte. A minha era trabalhosa, pois muita coisa era usada da minha mãe, então, no início ela não poderia perceber a maquiagem indo embora ou acabando.”

Bianca também relewa os medos de se montar, com jeito mais natural, ela conseguiria tirar com mais rapidez, caso seu pai ou algum familiar reparasse.

Da mesma forma, toda maquiagem para o rosto – boca, pômulos, pálpebras, olhos e toda a tez – começa a ser utilizada pela (ainda) bichinha ou bicha-boy, que aos poucos vai ganhando intimidade e conhecimento de todo o processo de transformação. Poderíamos talvez identificar uma “fase de transição” entre o menino e a travesti, quando ele vai experimentando pequenas alterações no corpo, normalmente modificações facilmente reversíveis, mas que servem para uma identificação com os atributos do feminino (BENEDETTI, 2005, p.56).

Era como ela começava a identificar suas primeiras experiências dizendo que começou devagar e depois pegou um ritmo na montagem de seu corpo. Isso fica evidente quando vai se referir ao cabelo e ao esmalte: “[...] começava com um esmalte clarinho até chegar ao vermelho e a mesma coisa o batom. Ficava evidente que Bianca tinha medo das reações dos familiares e de algumas pessoas comentarem”. Então, era um processo devagar até chegar a um feminino aceitável, pouco transgressor. Isso era o que Bianca esperava, pois afirmava que usava por muito tempo “roupa unissex”, ela tinha como objetivo e estratégias que as pessoas apontassem para ela e comentasse que ela se parecia com uma mulher, pois assim tinha argumentos a direcionar para família, visto que diversas vezes afirmava para os pais que não tinha culpa, que ela usava roupa comum ou de menino, mas que as pessoas a relacionavam com atributos femininos.

“Era minha única saída, por isso meu caminho foi diferente das outras, logo fui para igreja e orava muito pra Santas... ali eu achava meu refúgio.”

Bianca afirma com tristeza que nunca conseguiu o apoio do pai, então foi se aproximando da sua mãe e de tudo ligado ao lar, para que pudesse ter algum tipo de defesa. *“Comecei a construir em mim uma mulher aceitável, com isso me dediquei em ajudar minha mãe no lar, foi à única saída... lavava, passava e cozinhava”*.

Nesse momento, fala de como eram as possibilidades de ser uma travesti e de como tudo era encarado na época, afirmava que existiam fases do processo para se tornar uma grande travesti e ser respeitada, conhecida e assediada.

“Todo mundo era viado, [Não existia distinção entre gays e travestis] se você falasse para sua mãe que queria assumir, todos da cidade acreditavam que você iria colocar saia e assumir a mulher que você tinha dentro”.

Bianca afirma que existia essa possibilidade de se casar com uma mulher e ter filhos. Nessa parte da entrevista, Bianca nos indica como eram percebidas as questões relativas às representações de gênero. Por hora, ela poderia ter escolhido se casar para manter um perfil heterossexual, e concomitantemente seus divertimentos homoeróticos. Bianca nos mostra algo talvez pouco percebido; conta que identificou seu mundo através de programas do rádio, ao mesmo tempo, tenho a sensação que ela está dizendo que nesse passado em cidades pequenas existiam somente esses perfis construídos em que tudo era compreendido através do binarismo hétero/gay. Quando ela afirma *“Era tudo viado... engraçado... hoje mudou muita coisa”*, ela mostra como as pessoas compreendiam a realidade naquele momento.

Sabemos que Bianca está relatando suas impressões sobre o passado e seu cotidiano, no presente, pois essas narrativas são construídas por informações colhidas no contexto atual. Tenho a sensação que Bianca compara esses tempos. Cabe indagar se para ela e as pessoas travestis naquela época existiam outras possibilidades que não se resumiriam tudo em *“viado”*.

“Sim, todo dia tinha invenções tinha a Bicha-Boy que era normal, nada ainda de feminino, tinha a semi-trava que era chegando ao travesti, tinha o time das Mariconas que eram as bichas velhas ou casadas... aaaaa, lembrei, tinham as demônias que naquela época ou era cafetina ou uma travesti velha que feminino derreteu, ficou deformada por alguma coisa”.

Para sociedade tudo era igual; todos eram considerados viados, segundo a visão de Bianca. Percebemos como a entrevistada separa o pensamento das pessoas da cidade de forma geral e mostra as possibilidades de diferença entre pessoas consideradas iguais para a cidade. O que era tomado como igual tinha sua própria constituição de diferenças e suas possíveis construções e distinções. É importante ressaltar essa fluidez exercida como papel de resistência no contexto dos grupos que se formavam na época. Bianca relata que eram poucas travestis que ficavam no interior, a maioria iria para cidades maiores.

“Quando se tornava travesti, todas queriam chegar o mais próximo de uma mulher, para mostrar que poderíamos conquistar o reconhecimento, mesmo que não tivéssemos nascido mulher de buceta.”

Segundo a entrevistada, em certo momento mesmo se sentindo solitária, todo esse zelo pelo feminino se ocupava e dava espaço para ela se enxergar. *“A travesti nunca está pronta... nunca tem fim.”* Pergunto desse processo que ela dizia não ter fim, era sempre buscando o melhor, a vida girava em torno da aparência, era como se o espelho fosse seu melhor amigo, todo o sentimento estava no espelho. Em alguns momentos, a travesti se sente pronta, elege um prazo pela prontidão, muitos durando somente aquela noite, depois tudo volta a se desmanchar, porque ao amanhecer começa tudo novamente: a maquiagem e a vontade de mudança são algo que move essa existência. *“Todo dia é dia de batalha.”* A travesti não tem medo da vida, da morte, sempre se sente pronta para (re)existência, por não ter fim suas invenções e montagens diárias. A travesti quando sai já se sente de armadura pronta para múltiplas batalhas, e ao dormir se desmonta, lava-se e às vezes chora. A travesti chora sozinha, pois não pode mostrar fragilidade, tem que se virar como pode, sem reclamar, engolir um mundo que *“nunca me engoliu”*.

Existe um sentimento nesse trabalho promovido pelas entrevistadas que seria o desaparecimento de “Roupas patológicas”. As depoentes não se sentem adoecidas e não cedem aos argumentos e as amarras provenientes da biologia, da medicina e dos aspectos da anatomia (SILVA, 1993, p.41). Parece que, em algum momento, a humanidade produziu um discurso somente para a norma e que as vidas dessas travestis

continuavam sem problema algum, não dando conta de todo o discurso que se produziu para ou sobre elas.

“As pessoas me viam, achava eu doente...mas elas achavam, eu não. Eu queria ser linda. As mulheres tinham inveja de mim (risos).”

Sobre a escola, Bianca tem dificuldades de relatar, pois existiam momentos em sua vida que ela tinha eleito como importantes e que não poderiam faltar em sua entrevista e também na sua história. A entrevistada tinha muito orgulho de toda sua vida, reclama muito dos dias atuais, atribuindo dificuldades por não ter conseguido se aposentar, entre outras impasses que uma mulher travesti possa enfrentar com a chegada da velhice. Bianca lembra algumas situações na escola e relata sobre um baile de comemoração do fim de ano, em formato de discoteca, baile estudantil.

“Eu fui a mulher mais bonita naquela noite, foi a primeira vez que as pessoas me viram transformada, todos ficaram em choque, todos da escola ficaram chocados, foi muito bom ter ido ao baile de escola assim, da forma que eu sou, lógico que teve suas consequências porque eu dei um jeito de chegar em casa desmontada e tinha parentes no baile, além de todo mundo pensar que eu não participaria por conta de todo sofrimento que existia na escola ... Eu sei que chegou ao ouvido da minha mãe que estava dançando sozinho no baile da escola. Quem dançava sozinho era considerado viado, inadequado, essas coisas... Eu fiquei feliz porque na verdade eu estava vestido de mulher e mais bonita do que as meninas daquela época”.

Bianca começa a relatar a escola dessa forma. Parece que introduz seu relato sem uma sequência lógica. Às vezes tínhamos a impressão que as histórias estavam no fim, mas na verdade era só o começo dessa grande trajetória. Bianca realmente vai revolucionar o pensamento da cidade e desarticular o que seria impossível para uma travesti, ela vai acreditar nela e na sua história.

Uma das características de Bianca, ressaltada pela cidade, onde todas as pessoas gostam dela, é a bondade que guia o seu caminho e, ao mesmo tempo, a representação de um papel típico de uma miss: fala ensaiada, postura, delicadeza e um discurso humanizado, todos esses critérios aparecem na personalidade da Bianca. Também é extremante religiosa e sempre trabalhou enfeitando a igreja e casamentos das pessoas;

trabalhou por muitos anos como florista e tem amizade com muitas pessoas da cidade, com uma influência ímpar entre pessoas de todos os níveis sociais da comunidade.

Fica implícito que seu objetivo foi sempre conquistar um lugar de mulher, onde acreditava que um marido poderia auxiliar nessa construção ou que talvez considerasse que fosse uma peça que comprovava que seu feminino era legítimo. Suas falas sempre demarcam que o matrimônio é um protocolo muito importante para ela, pois confere um *status* de legitimidade para a sua vida como algo digno e louvável para exibição para uma cidade pequena.

“*Eu só podia sair à noite*”. Bianca relatava que só podia sair à noite quando começou a sair transformada, pois o risco de algum colega de escola ou familiar lhe ver na rua era menor. Tinha medo de arriscar a imagem social que estava criando por conta de assumir quem era, assim como também temia sofrer represálias na escola, o que agravaria ainda mais a repercussão de sua sexualidade na cidade quando era jovem. Fica ainda mais evidente a dificuldade de enfim conseguir se afirmar, não só pela sexualidade, mas pelo ciclo social e econômico, ser ainda mais fechado naquela época.

A sociedade miracemense de antigamente, conforme relatos não só de Bianca, mas das pessoas mais velhas em que sempre de quando em quando escapam nas conversas cotidianas, é que as pessoas marcavam muito as outras não só pelo *status* econômico, mas pelas companhias e amizades quando saíam para os bailes, pela família, entre outros requisitos. Logo, Bianca tinha medo de ficar “manchada” sendo vista saindo transformada, como dizia. A representação e a figura do matrimônio para Bianca têm tanta força e importância para sua satisfação pessoal e identitária que, ao invés de na época exercer sua maior vontade – que era concluir seus estudos, a mesma tinha a vontade e resolveu se casar.

Quando conseguiu o feito, inventou sua própria certidão de casamento, que mesmo não tendo validade legal, tem uma imensa validade no campo das representações e resistências múltiplas que aparecem nos cotidianos das experiências das entrevistadas. Fica notório então que, para Bianca, o casamento marca mais a sua trajetória do que o processo de escolarização, já que quando perguntada sobre a localização de seu diploma, a mesma não soube relatar, porém exibiu e cedeu com orgulho sua “certidão” de casamento.

Para Bianca, é como se sua certidão de casamento “construída” por ela, fosse seu verdadeiro diploma, pois representava um sonho que sempre teve na vida, era a confirmação de sua busca por legitimação social, em contraponto, os estudos não representavam para Bianca um papel de resistência dentro da cidade, já que a escolarização ao longo da vida nunca lhe rendeu esse espaço. Bianca enxergava a sua invenção como superação da escola normativa. Assim como a escola a rejeitou, ela a rejeitou de volta e promoveu seu processo de educação e formação humana em outros âmbitos e espaços que não a própria escola.

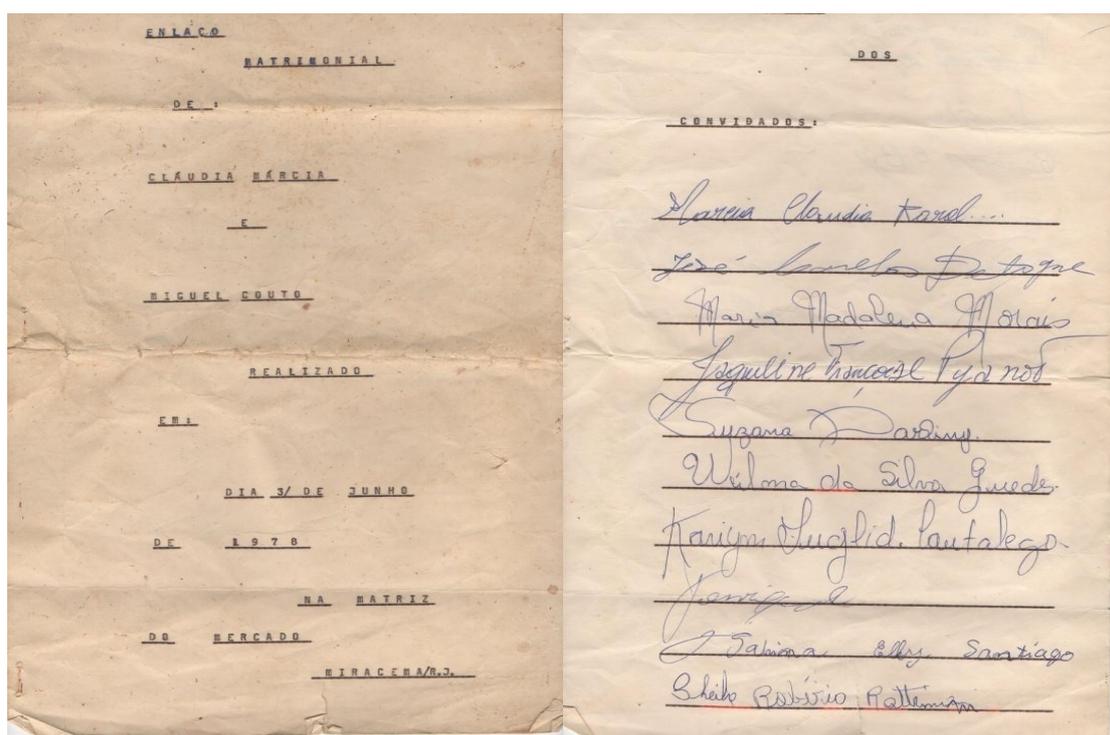


Figura 7: Certidão de Casamento de Bianca, 1978. Fonte: Arquivo pessoal.

A escola não permitiu que eu vivesse meus sonhos. Os recreios eram divididos entre meninos e meninas. Os exames de admissão ginasial para conseguir ingressar eram muito difíceis e nos dividiam ainda mais, sem contar os custos. Ao longo de tanta dificuldade fui desistindo e colocando a escola sempre em segundo plano, um lugar que eu não conseguia alcançar, acho que por isso fui levada a pensar em me casar logo tão cedo, mais nova [...] Queria logo começar a minha vida, viver como eu queria [pensando] E olha como eu sou uma bicha doida, mona, pra mim arrumar marido e me casar travesti naquela época era mais fácil que me formar. [risos]

Por conta da aceitação que pra Bianca era tão difícil encontrar na escola, essa mesma escola fez com que a vida de Bianca tomasse outros rumos. Esse fragmento da entrevista me fez refletir como a escola marca na subjetividade das pessoas não só lembranças boas ou ruins, mas desenvolve a capacidade das entrevistadas (des)organizarem e alterarem todo o percurso de sua vida e sua direção, algumas por alguns anos, outras por sua vida inteira. É complexo pensar como a escola pode ser cruel ao ponto de influenciar uma pessoa a mudar o rumo de suas vidas para outro caminho tão diferente e, para época, unimaginável. Casar significava superar a escola e seus rituais. “*Formei não, mais casei... tá querida*”. O casamento era o espaço de aproximação de um feminino inventado e renegado pela escola, que não acreditava nas possibilidades de uma travesti seguir com seus estudos. Bianca relata que era desencorajada de estudar e permanecer no espaço escolar. Assim, apostou na produção do seu próprio cotidiano e legitimou o seu feminino, habitando até os dias atuais na memória popular. Superou uma época, uma escola e produziu vida.

6.3. A TRAVESTI DA IVA

“Eu assumi minha verdade dentro de uma mentira”

Chica da Iva

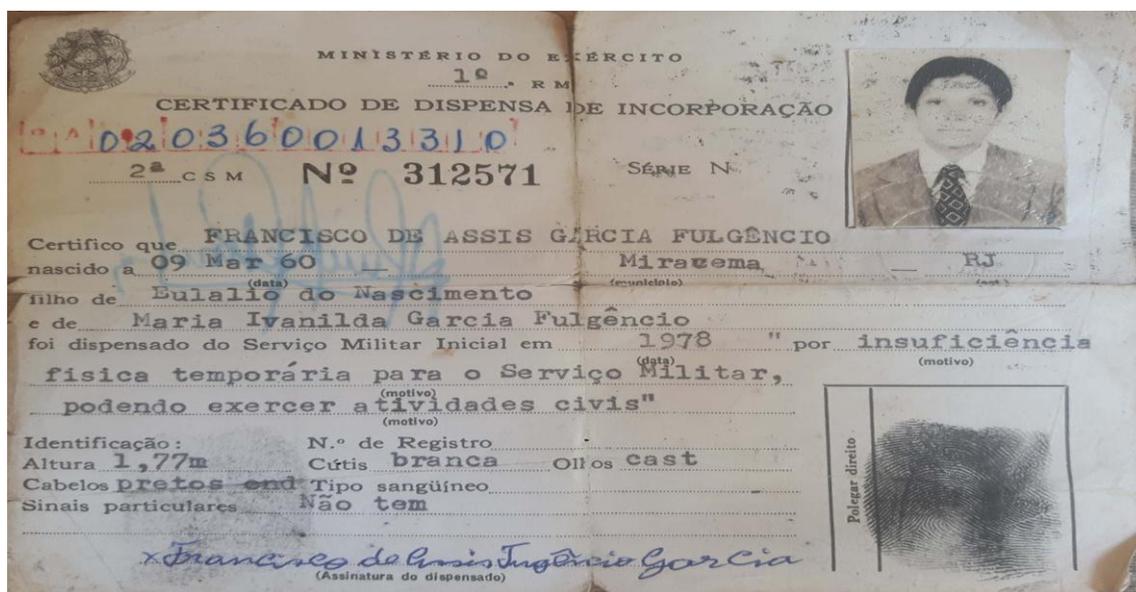


Figura 8: Única foto de menino, Certificado de Alistamento militar. Fonte: álbum pessoal.

Essa história pretende contar e ampliar os contextos de cidades pequenas e gênero, com a proposta de fortalecer esse campo na dimensão política e suas ansiedades. Temos como identificação fortalecer novos caminhos que a história tem pretendido com as demais ciências humanas a percorrer. Com objetivo de valorizar narrativas de vida em escola ou escola da vida, em que outros discursos se estabelecem e talvez se reorganizem. São formatos nada convencionais de existência, tendo como política viver e lembrar essas trajetórias tão diferentes, onde implicam desafio muito grande de mergulhar nessas memórias, podendo produzir uma sensação de deslocamento, em que a riqueza dessas trajetórias nos ensina como a escola promoveu certos padrões de abandono, ausências e interrupções. Esse corpo que hoje é um corpo revisitado através de lembranças nos ensina como a escola ainda tem produzido pouco interesse em pessoas que discordam (LOURO, 2015). As trajetórias, mesmo em diferentes tempos e datas, têm todo um contexto comum. Todas de certa forma queriam falar de outros locais. A escola vai aparecer depois de todas as outras vivências e lembranças, por vezes era o assunto mais rápido apresentado nas entrevistas. As histórias ou trajetórias escolares eram o assunto mais tímido e vergonhoso; outros assuntos como uso de hormônios, silicone, prostituição, são os mais comuns, falados com naturalidade e sem constrangimento. Os amores impossíveis e casos noturnos e outros aspectos nessas narrativas têm um grande ar de fantasia e histórias longas (KOFES, 2001).

Esta entrevista aconteceu no trabalho, pois na verdade não estava prevista e acabou proporcionando grandes surpresas. Seria uma história meio esquecida no meio da cidade, de uma travesti que não elegeu na vida o sofrimento como caminho. Hoje, apesar das dificuldades, tem uma vida estabilizada. Quase nunca é vista na rua, viaja muito para casa de parentes. Não se monta sempre e reclama dos cabelos que vem caindo com a idade. Mora em uma casa amarela depois de uma escadaria, numa espécie de “beco”, onde fica boa parte do tempo. Perto de completar seus 58 anos, atualmente mora sozinha em sua casa com um grande quintal, com muitas plantas e pés de manga. Neste primeiro contato, explicamos sobre o trabalho, quais as pessoas já entrevistadas. Ficou feliz e agradecida por ter sido convidada a fazer parte do estudo, convidou-me para entrar e conduziu-me ao quintal, pois era parte mais fresca da casa e fazia muito calor.

Sentamos, e ela disse que poderíamos iniciar. Começamos a conversar e disse que iria buscar umas fotos. Mostrou sua única recordação de menino. Disse que se tratava do alistamento militar, em que foi obrigada a se apresentar de terno e que foi a única vez que vestiu roupa parecida. Ainda conta que não conheceu o pai vivo, que foi criada pela sua mãe, com a qual sempre teve um bom relacionamento. Aos 9 anos, falou para ela que queria ser uma menina. Aos 12, começou a tomar alguns hormônios, mas logo largou o tratamento, pois sentia efeitos colaterais e disse que na sua época não enfrentou grandes barreiras *“tinha duas reações, as pessoas tinham medo/espanto ou respeito.”*

Contou histórias de uma época que nunca imaginei, tentamos compor um quadro sobre suas vivências e a escola. Logo na primeira pergunta sobre o tema, ela afirma *“Odiava a escola, ia para merendar e fazer bagunça... era um capeta, para ser sincera, terminei o primário muito mal”*. Tinha como afirmação que a escola não era espaço para ela, ou melhor, para muitos. *“Na minha época pobre não ficava na escola, professor não gostava da gente... ninguém terminava”*. Ela acreditava que não tinha identificação com os estudos. *“Único dom que Deus me deu foi a cozinha. Eu sei fazer vários pratos, trabalhei muitos anos em cozinhas de restaurantes.”* Dessa forma ela afirma que nunca sentiu vontade e interesse de estudar, que as coisas foram acontecendo em sua vida de forma muito “mágica”. Para ajudar sua mãe, precisava trabalhar, mas para travesti era muito difícil. Acabou indo para Rio de Janeiro e todo mês vinha a Miracema. Logo começa a contar os reais motivos de não ter ficado em Miracema.

“Tinha um policial que fazia muita covardia com as meninas. Vê se pode, não queria me deixar sair de mulher a todo o momento me parava e também minhas amigas, era difícil, tinha bicha que apanhava. Eu nunca apanhei... (risos) na verdade podia vir me bater, mas eles também iriam sair perdendo. Acabei me envolvendo em muita confusão, minha mãe ficava nervosa com medo de acontecer alguma coisa comigo. Eu era nervosa... depois que tomava meus Otis... transformava [referente à bebida alcoólica].”

Ela associa sua aprendizagem à rua como seu campo de formação, com outras travestis da época que acabaram iniciando em todo esse processo de experimentar uma construção do desejo e de se aproximar do feminino. Ela afirma que ficava no mercado municipal, que era o centro comercial. Foi ali que nasceu a “Chica da Iva”.

“Esse nome quem me deu foi o povo... Todas tinham nomes e sobrenomes estrangeiros, eu era a Chica, a filha da dona Iva, eu nunca mudei de nome.” Sobre seu nome, tem muito orgulho, a todo o momento relata que as amigas do seu tempo mudavam de nome sempre. Ainda relaciona que muitas meninas do interior tinham suas rivalidades, mas também ajudavam umas às outras.

O mercado municipal fica localizado numa rua atrás do que hoje seria a “Rua Direita”, que é o centro comercial de Miracema. Chica conta que aos poucos foi se vestindo de mulher e também ficava por outros períodos *“desmontada”*. Na rua que hoje é o centro da cidade, nenhuma travesti poderia andar, então só ficavam na rua atrás, onde era o mercado municipal. Tinha todo um território a qual parte das meninas poderia andar. Chica afirma que não pegou nenhuma cafetina; quem comandava era a polícia, ela afirma que ficava em um bar *“Não me sentia prostituta, pois fazia muito de graça, naquela época no auge da juventude... (risos) eu queria aproveitar, também cobrava, lógico, porque não sou trouxa, agora tinha axé [sorte] para pista.”* Chica conta que ficou famosa quando associaram ela a primeira cafetina do local, mas que, na verdade, ela revoltou-se com um policial e acabou organizando as meninas que viviam sendo exploradas e assaltadas pela própria polícia. Chica afirma que só teve essa experiência em Miracema, que quando saiu da cidade foi para trabalhar em um grande restaurante.

“Bicha eu era terrível na escola, muito bagunceiro era um menino atentado, odiava tabuada era tudo decorado viiiiiiiiiiiiadoooo uma coisa horrorosa, os recreios separados, todos os livros eram comprados na minha época... era assim. Tinha condições de comprar livro estuda, não tinha ou copiava tudo na mão ou parava de estudar, a escola nunca serviu para nada. Já era viado minha vida já tava toda ferrada... não tinha sentido escola de forma nenhuma. Quem formava continuava desempregado, só se fosse filho de rico. Outra coisa tinha uma carteirinha maldita que carimbava se você chegou atrasado. Todo mundo gostava de fugir daquilo, eu pulava muro, barranco era assim.”

A escola se torna um lugar de fuga, onde Chica nos apresenta este local em suas lembranças como um lugar que muitas pessoas estavam dispostas a sair; mesmo que isso fosse decepcionante para sua mãe que acreditava que a escola era um local de *“Dar jeito nas pessoas.”* Chica ainda fala de como se sentia incomodada pela escola remeter a um local disciplinador, criticando as cores e o extremo ritual religioso na escola: *“nos*

queriam que comportasse como santos... Como? Eu era um capeta”. Chica ainda afirma que a escola não era um espaço encantado e todo mundo tinha rótulos e que os comentários referentes a ela por muitas vezes eram cruéis. *“Esse menino diferente não vai aprender ele é filho de lavadeira.”*

“As escolas não tinham cor era tudo cinza, os uniformes deveriam ser impecáveis... os meus eram porque minha mãe lavava roupa para fora. Os professores tinham horror de pobre, chamavam todo mundo de burro, puxava orelha e também beliscão debaixo das axilas, aquele local foi dando uma sensação ruim, vivia com dor de barriga. Acredito que ao sair da escola eu queria mesmo era radicalizar nunca fui fácil. Outra coisa, viadinho apanhava todos os dias e também sofria abuso e ninguém na escola ficava do nosso lado. Nunca no período que eu fiquei recebi um elogio ou alguém tomar alguma atitude para ajudar. Então bicha, virei demônio! Eu batia muito também, tampava pedra nas janelas da escola... era um babado, desde cedo à escola me olhava como marginal... acabei sendo.”

Os aspectos estão de alguma forma cruzando essas fronteiras de gênero e mostrando múltiplas construções históricas ligadas ao ensino de pessoas que não tiveram oportunidade de permanecer nesse modelo de escola, estabelecido para satisfazer um ensino pautado na submissão de múltiplos fatores culturais. Sistema que condiciona as pessoas travestis a pensar a escola e seus fracassos, a partir de inadequações promovidas por seus corpos. Chica nos leva a pensar: que histórias da educação promoveram? Valorizamos quais atores? Que pode pensar a escola? Todo esse rico depoimento nos mostra que a educação, principalmente no Brasil, não deu espaço para debates necessários. Por isso nos atentamos por uma grande resistência ao tema escola quando abordado com as entrevistadas.

Assim, o contexto escolar, num primeiro momento, é tido como sem importância para elas, apesar de termos visto que, com o passar dos encontros, a escola surge como lugar de muito sofrimento e exclusão. Isso gera muitas inquietações sobre esse modelo educacional pensado sobre as pessoas, nunca numa relação de alternância, em que as pessoas atendidas no contexto escolar possam pensar práticas e propor novas alianças didáticas. Torna a escola um espaço atraente e algo que percebemos que não estava na

pauta. Na verdade, o objetivo realmente foi formar alianças para que as pessoas se sintam deslocadas e culpadas por ter abandonado o contexto escolar.

As sociedades urbanas, no entanto, ainda apostam muito na escola, criando mecanismos legais e morais para obrigar que todos enviem seus filhos e filhas à instituição e que eles ali permaneçam alguns anos. Essas imposições, mesmo quando irrealizadas, têm consequências. Afinal, passar ou não pela escola, muito ou pouco tempo, é uma das distinções sociais (LOURO, 2015, p.21).

Chica ainda se sentia um pouco culpada por não ter permanecido no contexto escolar, afirmando que poderia ter resistido, mas que não quis. Preferiu ir para cidade grande trabalhar, pois afirma que muitas famílias naquela época davam maior importância ao trabalho porque acreditavam que a vida na escola não era compatível para pessoas pobres.

Ainda relata as dificuldades que passou ao deixar o interior, e que foi a primeira travesti a colocar silicone. *“Subi no ônibus e desci montada”*. Disse que foi um maior alvoroço no seu bairro onde é a figura mais conhecida e famosa. Chica mora em um bairro que tem o apelido de capivara *“Eu era a rainha da capivara”*. Ao longo da entrevista surge o que seria para Chica uma travesti. Segundo ela, foi um objetivo alcançado com muita dificuldade, durante toda uma vida, tornando-se e investindo em ser travesti *“A gente nunca para, todo dia era uma montagem... tem que ter investimento, eu como sempre fui pobre tinha que trabalhar com o que tinha. Colocar para jogo o meu melhor”*. Ela explica o que ela acha, como se considerava depois de passar uma vida inteira tentando estar no feminino. Ela também observa que ser travesti e mulher dá o mesmo trabalho, afinal, *“mulher também se monta”*.

“A travesti para mim é o engano... O que atraia os homens era esse ar de engano. Também era sua justificativa, tipo pegou por engano. Então nós travesti trabalhamos com o engano, nunca quis ser mulher como também nunca fui homem. Então bicha, o engano era bom para eles muito mais que para gente, por isso ninguém casava com travesti por ali acabava o engano e as que casaram nossaaaa... como sofreram.”

Essa parte da entrevista nos mostra como cada pessoa percebe seu gênero, como cada visão tem sua definição própria ou não tem definição. Ao mesmo tempo em que percebemos que existe um modelo do qual elas por muitas vezes são forçadas a se apropriar. Também observamos uma invenção própria com significados únicos e muito

individuais. Isso é percebido também dentro do contexto escolar. As experiências são muito pessoais. Constitui-se como dado importante para o trabalho, na tentativa de valorizar os espaços de cada momento na vida de pessoas travestis em cidades pequenas. Esse processo de passar pela escola carrega um conjunto de importância ou sem importância que vai sendo relatado ao longo da entrevista. Observamos que neste contexto existe uma mudança repentina em Chica quando vai mencionar a escola em seus relatos; a alguns momentos com certo desânimo, muitas perguntas ficam sem repostas, muitos detalhes não são ditos. Sobre outras lembranças, Chica gosta muito de contar e revistar a memória; demonstra muitas saudades da mãe, que cuidou até ela vir a falecer. Também acha que tudo teria sido diferente se seu pai estivesse vivo, quando estava na fase de transição. Ela afirma que sua vida foi um grande desafio e teve que pagar por ele. *“Ser travesti está ligado ao preço do desafio... depois muita coisa muda. Acabamos nos arrependemos de muita coisa.”*

Essa parte da entrevista consiste em um desabafo das dificuldades. Observamos uma solidão na fala. Conta que anos depois voltou para outro tipo de escola, na qual as dores foram bem grandes, mas que duraria por 6 meses. Afirma que era um local onde as pessoas são depositadas e a essência pessoal se esvazia. Também relata o sentimento de abandono por parte dos familiares e os caminhos de solidão que a vida vai tomando. Ela relata que não se sentia humana. Nesse momento da trajetória, descreve que foi o lugar em que ela mais aprendeu, através da dor e do abandono. Abaixo Chica relata o motivo:

“Nunca fui fácil, você, mona, fica me perguntando sobre escola e aprendizagem, então tem um lugar que eu aprendi demais foi na CADEIA. Mas deixa te contar o motivo... eu era muito nervosa... Então, eu e falecida Paullety do Cruzeiro fomos tomar banho de rio com uns homens, passamos a tarde toda namorando e fazendo os babados e tal. Ele muito amoroso comigo, me iludindo eu deixando... melhor da vida é ilusão, enquanto você está enganada você está feliz, quando descobre a vida vira uma verdadeira desgraça. Bom, então eu fui subindo para minha casa já por volta da 18 horas e marquei com as meninas no mercado municipal, eu passava por trás da rua da igreja matriz, vinha costurando a rua porque travesti não podia passar em qualquer lugar. Quando cheguei ao mercado o cara que estava comigo, estava sentado com umas putas eram mulheres e começaram a debochar de mim, falando mal de viado e tal... até que

cheguei à mesa perguntei a ele qual foi? Porque ele estava fazendo isso, se ele tinha passado a tarde toda com meu piru na boca. Bicha... desgraça anunciada, ele começou a me bater como eu estava de salto cai, quando eu levantei estava sem salto de cabelo amarrado, juntei ele de pancada, mas muita bordoadada, por fim outro cara veio também... nisso eu peguei uma garrafa e cortei ele... fui parar na cadeia”

Nesse momento vejo um grande arrependimento por parte da entrevistada, no sentido que a vida de uma travesti do interior é muito mais complicada do que se poderia imaginar, ou melhor, do que se poderia formular em hipóteses. Era como Chica se sentia em contar essa parte da história, era uma fala agitada misturada com revolta. *“A cidade inteira fode com sua vida... o dia que você decide revidar, você é agressiva”*. Percebo em suas colocações que nossa entrevistada teve uma juventude marcada pela resistência às múltiplas dificuldades sozinha. *“Eu não deitei e não dormi para vida”*. Embora tenha passado muita coisa sozinha sem o apoio da família, sempre enaltecia em seu depoimento a figura da sua mãe, mas relata que nos piores momentos ela já não estava mais viva para lhe defender. *“A única pessoa que vai te defender é sua mãe... o resto da família, só se você tiver dinheiro”*. Os relatos sobre essa parte da sua vida nos mostram a verdadeira necessidade para abandono da cidade. Ela ficou seis meses presa sem visita e também *“sem compra”* (ser receber comida das visitas); teve que aprender a se virar na cadeia. *“Quando cheguei à cadeia conheci outras travestis todas de cabeça raspada e de peito. Uma das travestis disse: os meninos já sabem da sua chegada, case com um senão vai ser pior”*.

“Bicha... na cadeia é assim ou você casa com dono da cela ou tem que dar para todos, e o pior, dar de graça”. A entrevistada começa a relatar que para ela esse período foi uma grande escola, que deve isso à cadeia, acreditando que ela banalizava a escola. Foi nesse período que sentiu falta do contexto escolar que poderia ter salvado seus caminhos na vida. Assim, ela depositou suas esperanças de sair daquele lugar, lembrando sempre como tudo poderia ter sido diferente se tivesse estudado. Refletiu sobre esse espaço, acreditando nas dificuldades e no arrependimento de não ter estudado e que esse fato levou a essa punição; assim pensava *“Eu estava na cadeia porque não estudei”*.

“Só lembrei-me da escola, mona quando estava presa, foi a primeira vez que li um livro na verdade um romance sem capa, pois me ajudava passar o tempo, era naquele formato de Julia, Bianca e Sabrina, eu acho que chamava... hum... Duelo sobre o Sol – Anne Weale, então naquele momento eu lembrava com arrependimento da oportunidade de estudar, talvez eu tivesse outro destino. Todas as minhas amigas que tinha batido na cadeia contavam história de desejo que foram bem recebidas. Travesti gosta de mentir (rindo), lógico depois que sai de lá contei muitas mentiras falei que tinha adorado que tinha arrumado um bandido, assaltante de banco rico, moreno vindo da Paraíba, tudo uma mentira, eu arrumei foi um homem feio sem dente que tinha sido preso por roubar galinha e comida para não morrer de fome. Os homens mona eram todos piolhentos não tinham ninguém rico no meu pavilhão, só tem pobre na cadeia porque eu descii para Rio, acho que chama água santa o nome do presídio”.

Dessa forma podemos observar que a escola é lembrada com outros significados. Chica acredita que a culpa foi dela por ter abandonado o contexto escolar, ao mesmo tempo conta os rituais que passou na escola, onde relata a vontade de fugir das aulas de como o ensino era totalmente tradicional, que era obrigada a rezar no altar de santos. *“Naquela época tinha um altar perto da sala da diretora, colocava de castigo ali ajoelhada e rezando, a escola também não deixou de ser cruel... eu acho que pobre só aprende apanhando ou sendo castigado”.* Com um olhar de sofrimento Chica, chega as suas conclusões sobre a vida e recorda de como foi injustiçada, ao ponto de acreditar que ela era a promotora dessas escolhas e que a falha era dela, por não ter adequadado-se à vida e não ter respeitado às normas.

Desaprendemos com ela a visão romântica da escola e prestamos muito atenção no atravessamento de classe social em sua fala. Percebemos como a pobreza está a todo o momento cercado a sua vivência e também fomentando um debate dessa escola que ainda produz um horror a pobreza, como fosse pecado ou crime. Chica vem relatar um catolicismo exagerado que permanece até hoje nas escolas, na oração do Pai Nosso na hora da entrada, também espalhados nas paredes a imagem de Cristo na cruz. Durante o relato, as lembranças estão ligadas à punição ou correção, levadas em conta por ela. Suas recordações estão totalmente ligadas a fatos já denunciados pelo mito do estado laico, que ainda continua reproduzindo discursos altamente desadequados para quem realmente precisa da escola como política pública. Dessa forma, percebemos no relato

da entrevistada uma identidade transitória. Ela fala da convivência do mundo dos homens e também de todo seu esforço para se aproximar desse feminino desejado.

“Não me peça definições. Eu me sentia mulher às vezes e depois me sentia homem, era tudo assim...”. De forma simples, Chica tenta nos mostrar que, para se entender uma travesti, as definições podem ser um caminho arriscado, porém assumimos nossa inclinação, tendência e vontade de se apropriar das definições ou categorias históricas. Queremos tentar entender aquilo que talvez não tenha entendimento, *“Travesti é um deboche”*. Acreditamos que Chica zomba através de sua trajetória desse modelo de gênero e da vaga ideia de uma identidade de gênero fixa (BUTLER, 2003). Um constante movimento de devir onde mora ambiguidades entre os universos masculinos e femininos, assim, as travestis treinam para usar os repertórios femininos e seus discursos como também seu vestuário e beleza. Chica tem, na sua história, múltiplas experiências, as quais a ajudam a elaborar suas linhas de defesa e desconstruir muitas determinações, uma delas por está viva, visto que média de vida das travestis é bem baixa no Brasil (BENEDETTI, 2005). *“Eu não era a mais bonita, mas sou a única que estou viva”*. Chica se orgulha de ter passado por tudo e ainda estar viva para contar suas histórias e relevar todas as fragilidades do universo das travestis desse contexto do interior que pelo visto é muito mais agitado do que poderíamos imaginar.

“Mona eu era ex - presidiária, travesti e não tinha estudo, eu coloquei a cabeça no lugar e fui embora com emprego arrumado, morta de medo da reação das pessoas por nunca tinha visto travesti empregada, tinha dificuldade de leitura mais tinha ganhado mais experiência com livros os romances que lia na cadeia... Então bicha eu comecei a trabalhar na casa de uma atriz de teatro que se chama Sônia Dutra. Lá eu tive oportunidade de me aproximar de outras travestis, inclusive a Rogéria que era amiga da minha patroa, eu fui muito bem recebida... ali eu fui vendo como eram o outro mundo as possibilidades através do trabalho. Aprendi muito trabalhando com essas pessoas, também tinha saudades de Miracema e sempre voltava. Mas visto que em Miracema já tinha me envolvido em diversos babados, funcionou o Rio de Janeiro como um descanso. E todo mundo respeitava as pessoas que moravam fora, as que ficaram aqui sofreram muito”.



Figura 9: Foto de Chica com Rogéria na casa onde trabalhava no Rio de Janeiro. Fonte: álbum pessoal.

“Bicha vou pegar uma foto que tenho com Rogéria... bicha! Era assim que foi uma parte da minha vida, às vezes olho para trás e desconfio de mim... porque realmente não sei como suportei tanta coisa na vida e ainda estou viva”. Chica mostra sua trajetória com ar de superação, não que ela em algum momento da narrativa passasse um sentimento de vergonha ou medo. Porém, percebemos em sua trajetória o sentimento de voltar para o interior ao qual ela atribui muita felicidade, pois já tem muitos anos que ela retornou para cuidar de sua mãe e também de um companheiro já falecido.

“Então eu voltei porque sentia saudades das coisas daqui. Nunca me senti parte do Rio, toda quinzena eu voltava para Miracema, meu velho morava aqui e estava doente, já tem seis anos que se foi, me deixou com sua pensão eu cuidei dele até a morte... Bicha, era um caso antigo ficamos juntos por vinte anos. Mesmo passando por muitas coisas por aqui, nada melhor que voltar para casa sentir o cheiro do seu lugar e poder escolher seu lugar para morrer, talvez e a única escolha que eu fiz realmente”.

7. SE TRAVESTINDO PARA (DES)APRENDER: LEMBRANÇAS, ESCOLA E ENSINO

Nas narrativas percebo que alguns discursos colocam as vivências escolares como uma parte não importante, que foi acionada depois de tanto dialogarem sobre a vivência de suas próprias existências. Isso, enquanto pesquisador, mostra-me que essa discussão se torna algo extremamente estimado, pois vai habitar o espaço do não dito. Quem não recorda de suas vivências escolares? Acima de tudo, quem recorda e o faz com prazer? As travestis entrevistadas embaralham bem toda a lógica escolar, ocupando um local de resistência num ambiente que, em regra, não é moldado para elas.

A escola deveria ser um local de grandes lembranças para todos, porque se condicionou que seja o local adequado para formar seus primeiros vínculos sociais; toda uma expectativa colocada a favor da escola pela sua permanência como promotora de normas e saberes estimados. Todavia, a escola não muda porque as relações e sua atribuição são extremamente distorcidas. Logo, envolvem princípios da modernidade que exercita dentro desses espaços relações de poder. A escola é vista como um quadro de relações frustradas entre professor/aluno e aluno/aluno e assim por diante. Há corpos altamente indesejáveis que precisam ser policiados, controlados e punidos.

Dentro desse contexto educacional se forma uma resistência de quem não obedece à “Cisheteronormatividade”. Essa norma que propõe uma relação com corpo baseado nos aspectos biológicos numa equação que discrimina os corpos e sua capacidade de alteração/mudanças/possibilidades, tendo a escola como aparelho de regulação e silenciamentos dentro das “Pedagogias da Sexualidade” que situa o que deve ser invisível ou negado produzindo um discurso do que pode ser apresentado na escola, o que não deve ser mencionado, e quem não deva ser pauta do processo educacional (LOURO, 2015).

Dando legitimidade e produzindo uma sensação de sucesso escolar a corpos disciplinados e dóceis, produzindo em outros corpos marcas de interrupções/abandono/culpa por não terem feito parte dessa instituição tão importante na modernidade. O jogo é bem mais complexo do que as relações e fragmentos apresentados sobre o cotidiano escolar. A escola produz uma sensação virtual de desagrado para que um corpo travestido ou travesti não se sinta capaz de pertencer.

Depois atribui-lhe culpa pelo abandono escolar, dentro do discurso de que aquele corpo era uma expressão de vida marginal, um caso perdido ou desnatural. Toda a escola aciona dispositivos de poder para que exclusão ocorra, e a travesti tenha seu processo de escolarização interrompido ou fragmentado.

A entrada desse corpo travestido numa instituição de ensino insinua todos os fracassos envolvidos nesse processo de escolarização moderna. Vai existir um incômodo escolar e despreocupação de um corpo que não deveria estar ali, vestido e estudando. Esse corpo poderia estar em qualquer lugar, mas está ali ensinando a escola (des)aprender todo o processo pedagógico que nunca prevê a entrada de uma travesti na escola. Com sua roupa de uniforme, por muitas vezes sem maquiagem, de sutiã e coque no cabelo e um batom cor da pele como medo de chamar atenção. Em algumas histórias que fui acompanhado nesse trabalho de dissertação, as meninas relatavam que a maioria dos comentários eram sobre o uso do sutiã, na medida em que, para uma travesti, é uma grande conquista. Seja hormonizado ou feito pelo silicone, era esse aspecto que elas consideram como parte da denúncia (PELUCIO, 2005).

“Nunca vi homem de peito”. Essa frase vai ser um dos dispositivos de incômodo ensaiado pela escola, quase um hino, todos os dias elaborados por muitos do contexto escolar, comentários com pouca piedade. Logo, para permanecer esse corpo travestido vai ter de saber reconhecer “táticas” ou “antidisciplina” para construir um lugar onde pode exercer o poder do dono, agir nas rupturas para permanecer nesse lugar, acreditado como essencial, indispensável, local de conhecimento (CERTEAU, 1994). A escola em sua rigidez não perdoa que os corpos se escapam que são designados a mudanças.

“Eu te conheço desde época que você era o Karllos, fui sua professora na alfabetização”. A escola vai ensaiar junto a discursos uma “intimidade compulsiva” para descaracterizar identidades acreditadas como passageiras, negando as mudanças no corpo e a nova relação com a vida a partir de um nome eleito como feminino. Mesmo que travesti reivindique seu nome eleito em comunhão/aproximação ao gênero que seu corpo se apresenta, sempre os comentários vão ser de cunho altamente íntimo e opressor, tentando normatizar dentro de uma lógica “Cisheterossexual” um discurso de redenção (LOURO, 1997).

“Professora, ela já foi homem? - Para mim continua sendo o Karllinhos da 5º série.” Essas são algumas saídas da heterossexualidade para invocar o estranhamento,

situar o lugar de bizarro dentro de um contexto da sala de aula. Toda essa lógica tem suas rupturas que dão espaços para que a pessoa discordante sobreviva ao contexto escolar, só que a norma se exercita o tempo todo tentando tampar suas rupturas e rachaduras, propondo finais para esse processo de escolarização. Entretanto, a escola deve vencer e o ritual deve ser cumprido, eliminando as diferenças de seu contexto. Se não conseguir, é aberta uma espécie de negociação entre a norma e esse corpo subalterno.

Uma vez que esse tipo de desejo homossexual não pode em última instância, ser reprimido – uma vez que a experiência existe – instituições são inventadas para acomodá-lo. Essas instituições realmente não são reconhecidas, muito embora não sejam invisíveis; na verdade, é a possibilidade de que possam ser vistas que ameaça a ordem, em última análise, supera a repressão.

No texto produzido por Joan W. Scott, parte da citação acima, intitulado “A invisibilidade da experiência”, a autora nos aponta para dispositivos históricos sobre a visão da norma e sua trama de adequação daquilo que não faz parte, mas que começa a ser reconhecido e incorporado pela norma e por muitas vezes toma outra forma. A citação acima fala sobre a homossexualidade e a discussão do trabalho concentra-se na realidade das travestis do interior. O texto vai ajudar a entender como a história, citada em muitos parágrafos do texto, valoriza tipos de experiências e outras não. “Tornar histórico o que fora escondido da história” (SCOTT, 1998, p. 299). Histórias que precisam vir à tona, que precisam ser valorizadas, experiências negadas com grande impacto no silêncio. Sabemos que as trajetórias servem como possibilidade de criticar práticas normativas na produção de pesquisa.

O desafio da história normativa tem sido descrito, em termos de entendimentos históricos convencionais de evidência, como uma ampliação do quadro, uma correção do que foi negligenciado como resultado de uma visão incorreta ou incompleta, e tem reivindicado legitimidade sobre a autoridade da experiência, a experiência direta dos outros, bem como a do historiador que aprende a observar e iluminar a vida desses outros em seu texto (SCOTT, 1998. p300).

A todo o momento a norma está reivindicando seus espaços, até mesmo dentro da produção e dos caminhos da história, então falar sobre esse contexto geopolítico (Cidades Pequenas) é um caminho muito complexo, pois precisamos suspender nesse trabalho discursos que desvalorizam a experiência e trajetórias de minorias, que são

altamente silenciadas e descontextualizadas, apresentando, assim, uma pesquisa que pretende ter como caminho as vivências e o escrito presentes na fala de pessoas que não fazem parte da metrópole

A norma vai tentando se apropriar de parte da história para no final detoná-la, destruir. Por algum tempo, esse corpo acredita que possa realmente fazer parte. O discurso normatizador tem como objetivo fixar as alianças com o projeto da heterossexualidade natural, não acreditando na alternância de gênero através de intervenções e construção, tentando a todo o momento acionar e descaracterizar qualquer corpo que tenha feito alterações e que se apresente de forma discordante, da qual foi destinado ao nascimento, usando dispositivos como a saudade, para trazer parte da vida dessa travesti dentro de um quadro de intimidade, para destituí-la do próprio passado, apostando que essa narrativa tenha capacidade de ofender e criar algum nível de regulação com a norma Cisheteronormativa. Ou seja, precisamos mostrar que existiu um passado comum *“Era um menino normal”*. O que a travesti tivesse aprendido esse ritual em algum lugar, por que enquanto estava na escola não cultivamos a sua Anormalidade. A escola fundindo aspectos do discurso da Anormalidade a esse corpo em função das patologias, campo altamente doutrinário que compõe essa pedagogia, exercida dentro de narrativas normatizadoras, que vem aparecendo repetidas vezes nas histórias de travesti em Pequenas Cidades.

Essa inteligibilidade dada pela norma heterossexual é a mesma que as torna seres abjetos. Isto é, aqueles que são alocados pelos discursos hegemônicos nas “zonas invisíveis” onde, segundo Butler, estão os seres que não são generificados. Os que estão vivendo fora do imperativo heterossexual, servem para banalizar fronteiras da normalidade, sendo fruto, portanto, desse discurso normatizador que instituiu a heterossexualidade como natural (PELUCIO, 2005 p.97).

“Sentia-me aceita na escola, apesar das dificuldades eu me formei.” Parte do plano é esse corpo se sentir compreendido, e nessa pequena *“compreensão ilusória”* que a esperança se estabelece e alguns casos conseguem permanecer nesse modelo de escola. Em algumas entrevistas, algumas das meninas se sentiam aliviadas de terem passado pela escola, em uma sensação e respiração de dever cumprido. Ao mesmo tempo, era percebido em suas narrativas certo grau de frustração que era permitido permanecer com limitações e demarcações. Essa aceitação fazia parte do equilíbrio de aceitação e apontamentos, era o exemplo da escola nunca ser seguidos.

“Meninos traz refrigerante e meninas salgados” o que leva uma pessoa/criança Trans/travestida para escola? Além das dificuldades de aceitação, problemas emocionais, o que a escola deixa aprender? Essa uma pergunta que me aflige muito durante a pesquisa. Qual seria realmente o papel de uma pessoa que percebe as normas de gênero diferente, dentro da escola? Como poderia se sentir reconhecido, se o discurso é previamente pronto e designado historicamente. Que modelo de escola está sendo proposto, visto que essas narrativas estão presentes em várias entrevistas, de diferentes trajetórias e idades? O que incomoda pode ser previsível? São perguntas que realmente não teriam como não serem pensadas neste trabalho. Volto a debruçar o olhar para cotidiano escolar dessas travestis nas cidades pequenas e vejo algumas semelhanças nas entrevistas, como em algumas frases grifadas nesta parte do trabalho.

“Nossa que bom que voltou a escola, está tão bonita, uma mulher de verdade. Então Pietra que dizer que Karllos... morreu né? A norma Cisheteronormativa usa por vezes a negação do direito ao passado. As travestis em seu corpo em fase de construção têm pouco problema com os passados e não evitam comparações, exibem suas cirurgias com orgulho e felicidade. As hormonizadas falam abertamente sobre a possibilidade de se transformar em uma mulher, esvaziando características masculinas com o tempo e o uso do silicone, pedindo as amigas de escola para comprarem seus primeiros anticoncepcionais

O direito ao passado para escola é apresentando a vida de uma travesti como uma contradição ou disfarce. É como se a travesti tivesse representando alguém que não fosse ela no contexto escolar. Afinal, quem vai dizer quem é você é a escola.

“Lá fora ela pode ser o que quiser aqui na escola eu obedeço à lei dos homens, vou chamar pelo nome da certidão de nascimento...”

Sabemos que o debate em torno do nome social é enorme. Procurei na Secretaria Municipal de Educação sobre a existência, na ficha de matrícula, de um espaço para nome social, da vida escolar do alunx. Como resultado, constatou-se que ninguém tinha pensando nesta possibilidade e não via importância, pois nunca existiu um caso de alguém que reivindicou a necessidade do nome social. Nessa parte do trabalho, na busca de dados quantitativos acerca do universo de matrículas, mais uma infeliz constatação: essas informações não existem, pois, dentro do mecanismo de organização municipal,

peessoas Trans/Travesti sofrem com um processo de invisibilidade ou a negação de existência pública.

“Olha a escola era legal na hora de fugir é ir par jardim namorar... adorava fugir e pular o muro das últimas aulas.” Quando chega essa afirmativa, começo a entender que podem existir momentos contrários de resistência; é a partir dessa afirmativa que meu olhar sobre a pesquisa começa a mudar. Encontro possibilidades de ver esses espaços com alguma importância mesmo que seja limitada, mesmo que exista uma arquitetura para que tudo dê errado, essas meninas e suas trajetórias podem nos falar muito sobre esse espaço. Depois de muitas conversas, percebo que algumas narrativas positivas vão sendo apresentadas e, logo, inverto o pensamento, tendo que perceber a relação a partir da travesti para escola ao contrário do pensamento inicial.

Os estudos dessas trajetórias são um trabalho de paciência. Trata-se de ver algo que nunca foi percebido, usar muitas lentes e desconfiar da sua própria forma de ver a pesquisa. Essas limitações me fizeram interessar e buscar como a escola tornou-se esse lugar para educar discriminando tudo que está no seu entorno. A escola vai aparecer como o local das primeiras lembranças da infância e das primeiras fotografias, amigos, a vida social em geral. Para as travestis essas primeiras fotos desaparecem, pois falar da escola era expor o momento mais difícil da sua trajetória e existência – o que geralmente entende-se por uma transição ligada a sua identidade de gênero. Aos poucos, fui percebendo que as dificuldades estavam localizadas nos momentos dolorosos e de dificuldades, em evidência do fracasso escolar. Verificam-se ainda relatos surpreendentes sobre as series de abusos cometidos e nunca visualizados, histórias de abusos sexuais, de violência física e dos primeiros desafetos.

Um corpo escolarizado é capaz de ficar sentado por muitas horas e tem provavelmente, a habilidade para expressar gestos ou comportamentos indicativos e de atenção, mesmo que falsos. Um corpo disciplinado pela escola é treinado no silêncio e em determinado modelo de fala; concebe e usa o tempo e o espaço de forma particular. Mãos, olhos e ouvidos estão adestrados para as tarefas intelectuais, mas possivelmente desatentos ou desajeitados para outras tantas (LOURO 2015 p.21).

Sabe-se que esses recortes dos discursos fomentados e elaborados na escola nos ajudam a direcionar a pesquisa, na verdade, alguns desses aspectos discursivos vão ser oportunizados por algumas das entrevistadas, em que se acredita que sua

impermanência na escola era por fazer parte de uma classe social negligenciada, dentre outros fatores apresentados na discussão promovida, por autores e suas narrativas. Isso vai ao encontro das possíveis discussões ampliadas nas leituras utilizadas, para contextualizar toda essa vivência escolar, apresentado pelas narrativas e por alguns discursos, explorados e vivenciados.

Essa parte da estrutura de discussão aborda uma mentalidade viva e contada pelas experiências das travestis do interior. A disputa de classes imersa nas questões de gênero é sempre matéria pulsante que demarca as diferenças e discriminações sofridas, durante a trajetória escolar das pesquisadas, que aponta o contraste presente no cenário das relações e do cotidiano das travestis. A memória auxilia a promoção e fomenta esse debate de grande importância, perante a realidade vivenciada em diferentes tempos, que agencia um conjunto de experiências e realidades que, em algum momento, se encontram, desarticulando esse espaço normatizador e promovendo uma escola que necessita (des)aprender com essas histórias e com esses caminhos.

8. BORRANDO A MAKE, CRAQUELANDO A BASE, ESCORRENDO O RÍMEL E BATENDO O GLITTER - CONSIDERAÇÕES FINAIS ENTRE OLHARES DAS TRAVESTIS

Em meio a tantas histórias, experiências, trajetórias e relatos compartilhados sobre as arestas do cotidiano que fazem a resistência ganhar vida nesses lugares de variadas formas de existência, é um grande desafio lançar palavras para tentar alinhar a complexa tecelagem das relações que permeiam o presente trabalho. Sempre deixamos um pouco do nosso universo no universo do outro e absorvemos também muitas aprendizagens para nós mesmos. A mistura que formou essa heterogênea teia de subjetividades rendeu um caleidoscópio que envolve múltiplas representações, focos, figuras e cores que vivem tonalizando a rotina diária das vidas, nuances sob a constante e persistente capa de (in)visibilidade.

A pesquisa traz no seu objetivo central e cumpre o objetivo inicial de tornar registradas e documentadas as vozes que representam o silêncio de muitas travestis, que há muito buscam serem notadas no cenário do interior como sujeitos dotados de potencialidades que teceram a sua história junto com a história de sua cidade, trazendo à tona finalmente de forma oficializada a importância de sua existência e trajetória na

construção da sociedade e das relações em torno da comunidade em que vivem, onde todas nasceram, cresceram e foram criadas, mediante a aprendizagem de formular mecanismos e articular maneiras para persistirem em suas resistências sobre as suas formas de viver, de ser e de amar.

As trajetórias escolares de ambas as pesquisadas demarcaram que foi necessária não só uma maneira de se criar as suas (re)existências em meio a cidade pequena, mas, principalmente, inventar novos sentidos em se enxergar sobre si mesma: ora travesti, ora homem, ora mulher, ora alguém, ora ninguém, ora personagem, ora sujeito inventado. A inconstância de seus estados de ânimo, entre emoções e realidades, também alternava o estado conflituoso de seus corpos e mentes. Isto pode ser notado como marca registrada da presente pesquisa. Como destacado inicialmente neste trabalho, é interessante o fato das travestis demonstrarem resistência em falar do contexto escolar.

As travestis se identificam e estabelecem variadas formas de ser, pensar e sentir de múltiplas possibilidades ao longo do trabalho de acordo com as entrevistas, o que nos mostra como elas são sujeitos em mutação e transformação por excelência, assim como a sua vida e sua construção. Porém, mesmo trazendo em seu bojo tantas semelhanças em suas estruturas, colocam-se em lugar de constante desgaste, sofrimento e exclusão.

Outra parte importante desta pesquisa foi o fato de termos representadas diferentes gerações quanto à faixa etária das travestis, pois, quando nos atentamos para a base de formação e estrutura da sociedade miracemense, fica nítido que uma cidade do interior que foi construída às margens de uma capela de uma religião delimitada com a maior influência na sociedade brasileira – a católica – é difícil pensar e compreender como uma mesma cidade pôde se transformar como um lugar que passou de totalmente intolerante aos homossexuais, para uma cidade que, aos poucos, foi mascarando os discordantes em algumas brechas e lacunas, que, mesmo significativas, continuavam demarcando o território das travestis, mesmo que muitas vezes essas exclusões fossem veladas e implícitas.

Enfim, colocando-me em meio ao processo de reconhecimento e representatividade da luta quanto às minorias, a presente pesquisa me fez despertar não só quanto a minha cidade de origem e suas interlocuções, mas a me autoconhecer e me

afirmar de forma mais segura quanto ao meu lugar de visão e atuação no mundo, meu lugar epistêmico e de fala, de pertencimento, que guarda tantas relações de aproximações, rupturas, afetividades e contrastes em uma só figura, identificando-me hoje como: Waldyr, o menino que estudava as travestis.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: Edusc, 2007.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita: o corpo e o gênero das travesti**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **A (re) invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond/Clam, 2006.

_____.(2011). **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença**. *Estudos Feministas*, 19(2), pp.549-559.

Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n2/v19n2a16.pdf>.

_____. **Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal**. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, São Carlos, v. 4, n. 1, jan.-jun. 2014, pp. 165-182.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. **Despatologização do Gênero: a politização das identidades abjetas**. *Estudos feministas*, Florianópolis v.20, n.2, Maio/Ago.2012

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Inversões sexuais. In: PASSOS, Izabel C. P. (Org.). **Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 91-108

CAVALCANTI, M. L. V. C. **Sobre rituais e performances: Visualidade, cognição e imagens do tempo em duas festas populares**. *Anthropológicas*, v. 14, n. 21, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994, [Tradução: Ephraim Ferreira Alves].

_____. **A Escrita da História**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CID-10 **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. 10a rev. São Paulo: Universidade de São Paulo; 1997. vol.1. 5. Organização Mundial da Saúde.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual**. Essa Nossa (Des) Conhecida. 6. ed. São Paulo: 1984.

DELEUZE, Gilles. **Post – Scriptum Sobre Sociedades de Controle Inconversações**. Rio de Janeiro, Editora 34,1992.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

_____. **História da Sexualidade I – A Vontade de saber**. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

_____. **A Arqueologia do saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2007.

GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Coord.). **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GONTIJO, F., COSTA, F. C.. **Ser traveco é melhor que Mulher: considerações preliminares acerca das discursividades do desenvolvimentismo e da heteronormatividade no mundo rural piauiense**. Bagoas: Revista de Estudo Gays, Gênero e Sexualidade, n. 8, 2012, p. 171-186.

_____. **Kátia Tapety: ora mulher, ora travesti? Gênero, sexualidade e identidades em trânsito no Brasil**. Cadernos Pagu, n. 43, 2014, p. 299-319.

_____. **Sexualidade e Ruralidade no Brasil: o que os estudos rurais e os estudos de gênero e sexualidade (não) dizem sobre essa relação?** In: Vivência, n. 45, 2015, p. 145-158.

KOFES, Suely. **Uma Trajetória em Narrativas**. Campinas: Mercado das letras, 2001.

LACERDA, Mitsi Pinheiro de. **A pesquisa em cidades pequenas**. Currículo sem Fronteiras, v. 16, p. 78-98, 2016.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LAURETIS, T. **A tecnologia do gênero.** In: HOLLANDA, B.H. Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEITE Jr, Jorge. 2008. **“Nossos corpos também mudam”:** sexo, gênero e a invenção das categorias ‘travesti’ e ‘transexual’ no discurso científico. Tese de doutorado – Doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 7-34.

_____. **Gênero, sexualidade e educação; uma perspectiva pósestruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples.** São Paulo: Hucitec, 2008.

MESQUITA, Ralph Ribeiro. **Entre homens, mulheres e deuses: identidade, gênero e (homo) sexualidade no contexto religioso afro-brasileiro,** Revista Gênero, v. 4, n. 2, 2004.

MOTT, Luiz. **“Relações raciais entre homossexuais no Brasil colonial”.**In: *Escravidão, homossexualidade e demologia.* São Paulo, Ícone, 1988 a.

_____. **“Desventuras de um sodomita português no Brasil seiscentista”.** In: *O sexo proibido: virgens, gays e escravos nas garras da Inquisição.* Campinas, Papirus, 1988 b.

MUKHERJI, Anahita. **Hijra Farsi: Secret Language Knits Community.** The Times Ofindia: 7 out. Disponível em: <<http://timesofindia.indiatimes.com/india/Hijra-Farsi-Secret-language-knits-community/articleshow/23618092.cms>> Acesso em: Março. 2013.

NÓVOA, Antonio (org.). **Os professores e sua formação.** Portugal: Publicações Dom Quixote, 1998. p. 93-114.

PARKER, Richard. **Abaixo do Equador: Cultura do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil.** Trad. Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002. 380 p.

PATTO, M. H. S. (2000). **A produção do fracasso escolar. Histórias de submissão e rebeldia.** São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2015). **A produção do fracasso escolar. Histórias de submissão e rebeldia.** 4ª Edição, revista e aumentada. São Paulo: Intermeios, 2015.

PLATAO, **O Banquete.** São Paulo. Edipro, 2000.

PELÚCIO, L. **Toda Quebrada na Plástica – Corporalidade e construção do gênero entre travestis paulistas,** in Campos – Revista de Antropologia Social, Vol. 6, nº 1 e 2, 2005.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. **O que é AIDS?** São Paulo: Brasiliense, 1987. Coleção Primeiros Passos.

_____. **O negócio do Michê: a prostituição viril.** São Paulo: Brasiliense, 1988

PRECIADO, Beatriz. **“Multidões queer: notas para uma política dos anormais”.** In Rev. Estud. Fem. vol.19 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2011.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

SANTOS, B. de S. **A gramática do tempo. Para uma nova cultura política.** São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Boaventura Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do sul.** São Paulo: Almedina, 2010.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade. Porto Alegre, vol.20, nº2, Jul./Dez. 1995, pp.71-99.

_____. **A invisibilidade da experiência.** Trad. Lúcia Haddad. Ver.técnica: Marina Maluff. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História, PUC-SP. Nº16. 1998. p.297-325

SILVA, Hélio R. S. & FLORENTINO, Cristina O. A sociedade dos travestis: espelhos, papéis e interpretações. In: PARKER, Richard & BARBOSA, Regina M.(orgs.) **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. p.105-18.

_____. **Travesti a Invenção do Feminino**, Rio de Janeiro, Relume Dumará, ISER, 1993.

_____. **Percursos em campo: interseções entre conhecimentos e práticas**. IN: INTRATEXTOS, Rio de Janeiro, Número Especial 03, 2012.

TWAIN, Mark. **Joana D'Arc**. Trad. Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópicos do Pecado**. São Paulo, Campus (1989).

VALLA, Victor Vincent. **A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas**. Educação & Realidade, n. 21(2), p. 177-190, jul./dez. 1996.

VEIGA, Ana Maria. **Kátia - um documentário sobre afetos, política e história**. Crítica Cultural – Critic, Palhoça, SC, v. 10, n. 2, p. 233-242, jul./dez. 2015.

VEIGA, J.E.da. **Cidades Imaginárias : O Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas: Autores Associados, 2003.

WEINBERG, C; CORDAS, T. A. **Do altar às passarelas: da anorexia santa à anorexia nervosa**. São Paulo: Annablume, 2006.

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460, jan. 2001. ISSN 0104-026X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104026X2001000200008>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

ANEXO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

CONCORDO em conceder entrevista referente ao tema da dissertação “**Trajetórias escolares das Travestis do interior: História, (des) aprendizagens e Educação**”, a qual será registrada em áudio, transcrita e posteriormente inclusa no texto dissertativo de autoria do Mestrando Waldyr Barcellos Junior. Estou ciente de que: a) os dados coletados receberão tratamento pautado pelo respeito e pela ética; b) o único emprego dos mesmos será a contribuição para com o desenvolvimento desta pesquisa e utilização junto a atividades didáticas na UFF; c) receberei uma cópia deste “Termo de Consentimento”; d) minha participação na entrevista não implica em qualquer situação de vínculo empregatício e é isenta de ônus para ambas as partes; e) posso interromper ou recusar a entrevista se assim desejar.

ASSINALE a opção abaixo, caso necessário:

NÃO CONCORDO que meu nome seja registrado no resultado desta pesquisa. Isso implica em que meu nome será substituído por um pseudônimo.

Assinam o (a) Entrevistado (a) e o (a) Bolsista de Desenvolvimento Acadêmico/UFF.

CONCORDO que meu nome seja registrado no resultado desta pesquisa. Isso implica em que meu nome será não substituído por um pseudônimo.

NÃO CONCORDO com uso de Imagem e sua divulgação no texto.

CONCORDO com o uso da Imagem e sua divulgação no texto e em outros trabalhos acadêmicos

Assinam o (a) Entrevistado (a) e o (a) Mestrando do Programa Mestrado em Ensino.

Entrevistadx [Assinatura]

Pesquisador – Mestrando em Ensino UFF- INFES. Waldyr Barcellos Junior